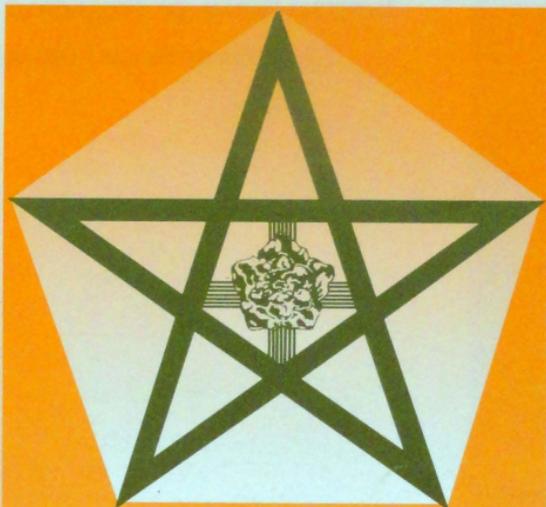


# PENTAGRAMA

LECTORIUM ROSICRUCIANUM

*Outubro 1997 - ano dezenove n.º 5*



DÉDALO OU  
LABIRINTO?

O LABIRINTO:  
SUA ORIGEM, SEU  
SIGNIFICADO

O RATO  
ELETRÔNICO

O DÉDALO POR  
ONDE O BUSCADOR  
DA VERDADE ANDA  
SEM RUMO

A HISTÓRIA DE UMA  
ALMA ATORMENTADA

A CASA QUE  
ESTÁ PEGANDO  
FOGO

QUEM SAI DO DÉDALO  
CHEGA AO CENTRO  
DO LABIRINTO

MAS, SE O TODO ME  
PERTENCE, O QUE  
POSSO DESEJAR MAIS?  
O DÉDALO DA VIDA E A  
SAÍDA PARA A ALMA

"PERCEBER A  
PRESENÇA DE DEUS EM  
TUDO O QUE VEMOS,  
CHEIRAMOS, OUVIMOS,  
TOCAMOS..."

O EU GIRA EM FALSO

O LABIRINTO DOS  
DOIS SEXOS

O LABIRINTO E A DANÇA  
DOS MISTÉRIOS

O LABIRINTO DE  
CNOSSOS

O ÚLTIMO

EM BUSCA DE MINHA  
VERDADEIRA IDENTIDADE

DÉDALO OU LABIRINTO  
NÚMERO TEMÁTICO

# PENTAGRAMA

*A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.*

*O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.*

*Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho da transfiguração.*

*A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.*

## ÍNDICE:

- 2 DÉDALO OU LABIRINTO?
- 4 O LABIRINTO: SUA ORIGEM, SEU SIGNIFICADO
- 10 O RATO ELETRÔNICO
- 11 O DÉDALO POR ONDE O BUSCADOR DA VERDADE ANDA SEM RUMO
- 15 A HISTÓRIA DE UMA ALMA ATORMENTADA
- 21 A CASA QUE ESTÁ PEGANDO FOGO
- 22 QUEM SAI DO DÉDALO CHEGA AO CENTRO DO LABIRINTO
- 25 MAS, SE O TODO ME PERTENCE, O QUE POSSO DESEJAR MAIS?
- 27 O DÉDALO DA VIDA E A SAÍDA PARA A ALMA
- 30 "PERCEBER A PRESENÇA DE DEUS EM TUDO O QUE VEMOS, CHEIRAMOS, OUVIMOS, TOCAMOS..."
- 33 O EU GIRA EM FALSO
- 35 O LABIRINTO DOS DOIS SEXOS
- 37 O LABIRINTO E A DANÇA DOS MISTÉRIOS
- 41 O LABIRINTO DE CNOSSOS
- 43 O ÚLTIMO
- 44 EM BUSCA DE MINHA VERDADEIRA IDENTIDADE

1997

ANO DEZENOVE

NÚMERO 5

## DÉDALO OU LABIRINTO?

*“O mundo é um labirinto onde a alma humana tem de andar sem rumo até sua libertação” (Hipólito, século III d.C.).*

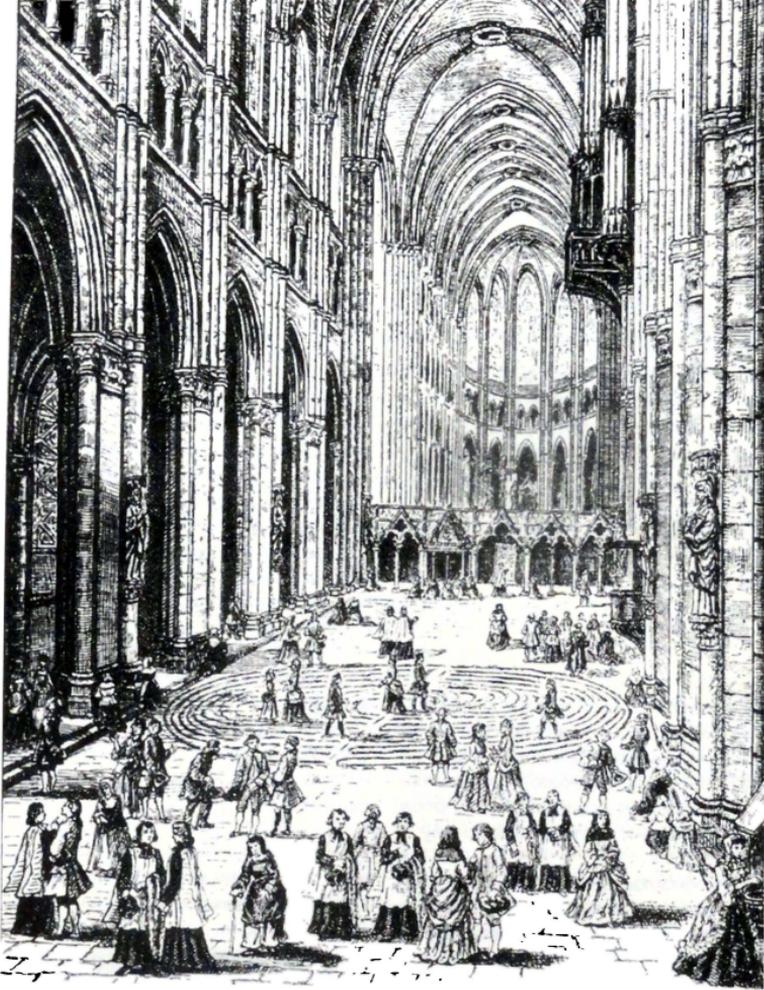
Dédalo e labirinto: símbolos intrigantes que, com o passar dos séculos foram sendo empregados de diversas maneiras e que evocam imagens muito diferentes. Geralmente empregam-se estes dois termos como sinônimos. Realmente, o labirinto *parece* um dédalo, pois o único caminho correto que leva ao centro ainda não pode ser reconhecido; ele apresenta uma teia de sinuosidades prodigiosas, aparentemente sem fim – se não compreendemos que ele leva necessariamente a uma meta. Mas em um labirinto – ao contrário do dédalo – o fim do caminho é o centro. O dédalo compreende tantas pistas possíveis, bifurcações enganosas e caminhos sem saída que não é possível termos uma visão geral e logo nos perdemos facilmente.

O labirinto hermético simboliza a senda que conduz ao princípio interior central do microcosmo. Quem encontra a entrada também pode atingir o centro, com a condição de não fazer meia-volta no meio do caminho. Em um labirinto, não há escolha entre direita ou esquerda, mas somente entre seguir adiante ou voltar atrás. Quem não é perseverante morre. Mas quem sai de dentro dele vencedor torna-se um outro homem. A palavra labirinto evoca as palavras latinas *labor intus* que querem dizer “trabalho interior”. A partir deste ponto de vista, o labirinto é a senda interior que tem de ser descoberta e percorrida até o fim. Quem a encontra não pode enganar-se, a menos que volte para o emaranhado de suas percepções sensoriais. O déda-

lo é o espaço limitado em que o homem anda sem rumo, seguindo a conduta de uma consciência voltada para as impressões de seus sentidos. O dédalo mostra, portanto, todos os tipos de possibilidades e de escolhas aparentes, que geralmente são contraditórias. Portanto, o dédalo é um bom símbolo da vida exterior, onde há somente luta e confusão. O poeta Virgílio (70-19 a.C.) descreve diferentes dédalos. Ele diz que eles são constituídos por milhares de caminhos e apresentam milhares de direções contrárias. Segundo ele, andar sem rumo em um dédalo, é fazer nós difíceis de serem desatados, pois são impossíveis de serem desfeitos, porque o caminho inverso não é visível.

Este número temático da revista Pentagrama apresenta certos aspectos do percurso no dédalo do mundo, e também do caminho que, dentro do labirinto, conduz até nosso imo. Os autores que colaboraram neste número tentaram destacar os diferentes significados destes dois símbolos o mais claramente possível, e também mostrar que é praticamente impossível confundi-los. Eles sentiram que o buscador da Verdade era sensível à imagem errante dos homens atuais, nestes tempos incertos. O dédalo e o labirinto estão dentro do próprio homem – assim como está dentro dele a possibilidade de encontrar a solução para seus problemas e a finalidade de sua vida.

O número de buscadores está crescendo aceleradamente, em todos os países. Mas, geralmente, os véus da ignorância são muito espessos e assim muito poucos procuram a verdade a partir de uma imagem pura e concreta. Atualmente, assim como no passado longínquo, o labirinto continua cativante porque ele representa claramente o cami-



O labirinto da catedral de Chartres, conforme gravura do século XVIII (França, Bulteau).

nho de volta. O começo da viagem de volta para a pátria está escondido no centro do microcosmo.

Nesta edição, tentamos mostrar este aspecto e esperamos que os leitores e os buscadores sérios encontrem em nossas considerações – por mais que elas sejam insuficientes – algumas indicações que possam aproximá-los cada vez mais da fonte central, que está dentro de cada um; e então poderão trocar o dédalo da consciência terrestre pelo caminho claro e bem visível que conduz ao centro de seu próprio labirinto.

Se o dédalo lembra o vai-e-vem entre

os valores extremos da vida, o labirinto se apresenta a quem empreende uma outra caminhada. É que, se antes andamos sem rumo, depois sempre encontramos o caminho da volta à pátria!

Redação da revista Pentagrama

## O LABIRINTO: SUA ORIGEM, SEU SIGNIFICADO

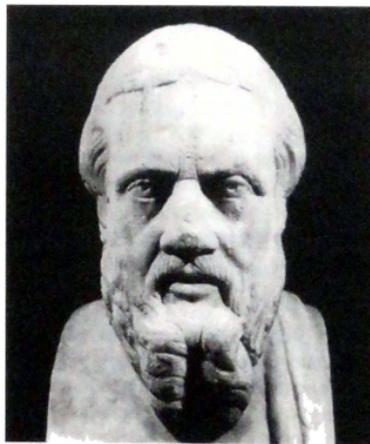
*Quem ouve a palavra "labirinto" pensa, talvez, em um dédalo complicado, habilmente elaborado, com algum atrativo divertido, onde nos perdemos com facilidade: encontrar a saída depois de voltas e voltas é um jogo, uma aposta, e também uma arte. A palavra labirinto também é empregada para designar circunstâncias embrulhadas, confusas; ou para indicar, por exemplo, que alguém está perdido ou bloqueado em uma situação intrincada.*

**S**e buscarmos a origem e o significado do labirinto, daremos de encontro com o paradoxo da semelhança e da diferença entre "labirinto" e "dédalo". Em resumo, o que acontece é que o labirinto pode ser um dédalo, mas um dédalo não é um labirinto!

Encontramos, em quase todas as partes do mundo, construções, seqüências de corredores e espirais edificadas com pedras mais ou menos grandes e que representam um labirinto. Também encontramos alguns reproduzidos em manuscritos, em rochas, em moedas etc. Às vezes, estes labirintos datam de milhares de anos; na Antigüidade já se falava deles e suas ruínas eram visitadas com curiosidade. O historiador grego Heródoto (484-425a.C) descreve em suas *Histórias* o que viu quando visitou, no Egito, as ruínas do "labirinto" situado perto do lago Moeris (lago Karum), perto de Arsinoé. Este local é chamado de "O Templo da entrada do lago", ou "Amenemhet vit". Na segunda parte da *Doutrina Secreta*, Helena Petrovna Blavatsky diz que este templo é mais antigo que a pirâmide de Quéops e que se trata de

*"uma descrição simbólica das raças humanas e das três dinastias (os Deuses, os Manas – os semideuses da terceira e da quarta raça – e os heróis da quinta raça) que precederam as dinastias reais puramente humanas. Estes dados estão em parte representados nas galerias e corredores deste labirinto egípcio. Como as três inversões dos pólos modificaram naturalmente o aspecto do zodíaco, foi preciso construir um novo a cada vez".*

É bem possível que Heródoto tenha dado o nome labirinto a este conjunto de edifícios, de câmaras, de colunas, de túmulos reais, porque esta palavra era empregada, geralmente, para dar nome a um conjunto de construções em que as pessoas se perdiam facilmente. Não se sabe se o nome deste conjunto iniciático correspondia ao conceito de labirinto. Os historiadores supõem que o gigantesco conjunto deste labirinto egípcio foi, talvez, o modelo do famoso labirinto de Creta, que foi construído muito mais tarde e estava ligado ao mito de Teseu, do Minotauro e do fio de Ariadne.





### UMA SÓ ENTRADA, UM SÓ CAMINHO

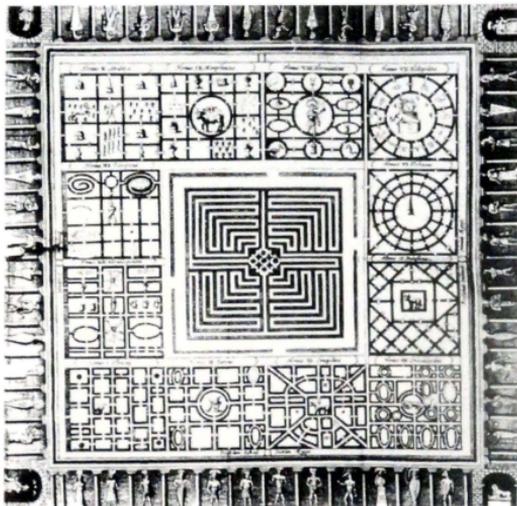
Na Antigüidade, chamavam de labirinto uma construção que comportava uma entrada, mas cujo plano era tão complexo que os estrangeiros somente podiam perder-se dentro dela. Na época do Renascimento, adicionaram o conceito de "dédalo".

Segundo Heródoto, foi o faraó Amenemhet (1842-1797 a.C.) quem construiu o labirinto egípcio como túmulo, aos pés da pirâmide de Hawara. Os guardiães contaram ao historiador grego, em sua visita, que nas doze câmaras subterrâneas havia doze faraós e um grande número de crocodilos sagrados e que ele não poderia entrar lá. Mais tarde, os visitantes consideraram este conjunto de cerca de 300m por 250m uma das Sete Maravilhas do Mundo. Hoje, restam apenas algumas colunas. Em 1888, o arqueólogo inglês Flinders Petrie tentou desencavar estas construções para descobrir co-

mo os assaltantes de túmulo conseguiram, há milhares de anos, chegar até o fim desta teia de corredores e passagens. Segundo ele, eles deviam possuir um mapa. Sua reconstrução do labirinto, entretanto, não restitui a forma do labirinto dos Mistérios! O historiador alemão Athanasius Kircher (1602-1680) fez um desenho magnífico a partir da famosa lenda, que era bem conhecida. Mas todas estas tentativas não passam de fantasias pessoais. Segundo as descrições de diversos historiadores desde o início da era cristã, trata-se de um conjunto enorme que somente levanta indagações e dá poucas respostas.

A descrição de Heródoto (484-425 a.C.) é interessante: uma construção incrível, composta por doze pátios abertos e três mil cômodos, cuja metade estava debaixo da terra. Segundo um outro autor grego, Diodoro, de Sicília (século I a.C.), o labirinto egípcio era o túmulo de doze reis que reinaram sobre as doze províncias, ou nomes, do Egito.

À esquerda: Heródoto.  
Ao alto: prováveis ruínas de um labirinto egípcio no lago de Moeris, perto de Arsinoé. Os egípcios chamam este conjunto de: "Amenemhet vit" ou "O Templo perto do lago" (Archivo Image Service).



Nas descrições destes dois autores gregos, não há nenhuma descrição de uma teia complexa de corredores. A regularidade harmoniosa das construções não permitia que as pessoas se perdessem, como em um labirinto. Sem dúvida, sua dimensão e sua complexidade lhe deram depois o nome de labirinto, termo que, muito mais tarde, foi relacionado com o conceito de "trabalho interior".

O historiador alemão Anastasius Kircher (1602-1680) tentou reconstituir o labirinto egípcio em volta do qual se encontravam as casas dos doze nomes das quais fala Heródoto (Turris Babel, Amsterdam, 1679, Zentralinstitut für Kunstgeschichte, Munique, na Alemanha).

#### **O VERDADEIRO LABIRINTO: UM LOCAL DE INICIAÇÃO?**

Um verdadeiro labirinto dos Mistérios evoca os temas da morte física e espiritual, do renascimento e da iniciação, que são temas que desempenhavam um papel central no culto que vinha destes Mistérios. As câmaras subterrâneas certamente fazem supor que se trata de um templo funerário. Mas é evidente que este templo funerário é um local de iniciação onde o faraó é preparado para sua tarefa de rei-sacerdote. Encontramos estes temas relacionados a inúmeros labirin-

tos. Na Malásia, em uma das ilhas das Novas Hébridas chamada Malekula, existe um ritual segundo o qual a alma do morto aproxima-se do labirinto traçado por um guardião que, logo em seguida, apaga a metade dele. Para conquistar a imortalidade, a alma deve restabelecer o labirinto total, antes de poder atingir seu centro.

Por quase toda a parte no mundo, encontramos desenhos gravados no rochedo e representações de labirintos. Os mais antigos remontam a milhares de anos. Eles mostram uma unidade organizada que compreende um caminho em espiral que conduz até o centro. A forma básica é uma cruz circunscrita em um círculo, engendrado, pode-se dizer, pelo movimento ao redor do centro. A cruz simboliza a terra ou a personalidade, ambas compostas por quatro elementos ou forças etéricas que se manifestam igualmente nos quatro corpos ou veículos da personalidade. O círculo poder ser o símbolo do sol, do macrocosmo ou do microcosmo. O labirinto, com seus sete, nove, dez ou doze voltas ou circunvoluções, pode ser considerado como um local de orientação. Quem entra nele está a caminho de seu destino final: o centro, o núcleo de seu ser. Ele se esforça para conciliar, no interior do espaço fechado do labirinto – e portanto dentro de si mesmo – dois princípios: a cruz do homem terrestre e o círculo da eternidade. Portanto, no labirinto, o caminho não conduz diretamente ao centro, mas segue um "desvio máximo".

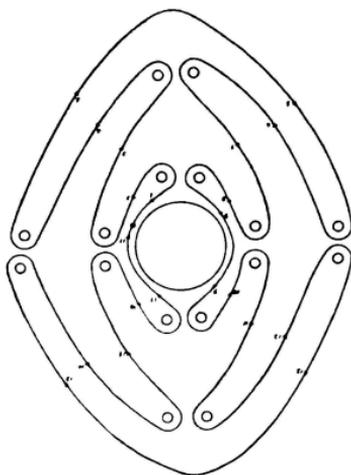
#### **DÉDALO: SERIA UM TERMO MAIS FRACO PARA LABIRINTO?**

A mais antiga representação de um dédalo remonta à Renascença italiana, no início do século XV. Mais tarde, na época barroca (que se iniciou na Itália no século XVI) e rococó (que veio em seguida ao barroco), o conceito de labirinto transformou-se em um caminho onde

as pessoas se perdiam entre duas cercas vivas bem aparadas, em um jardim, sem outra finalidade que não fosse a divertir ou desviar possíveis visitantes. Diz-se que o papa Clemente X gostava de mandar seus servos para este dédalo e que, assim que estivessem perdidos, eram chamados rapidamente de volta ao trabalho. A diferença essencial entre o labirinto e o dédalo é o caminho. Em sua forma mais antiga, o labirinto comporta um caminho, um percurso, um acesso. O dédalo oferece inúmeros caminhos e possibilidades. Em um dédalo, as paredes ou muralhas são tão altas que é impossível olhar sobre elas. Em um labirinto, não há esquinas nem ramificações. O único caminho sempre conduz ao centro, apesar de todos os tipos de voltas e reviravoltas. Quem entra no labirinto não pode enganar-se. É um símbolo maravilhoso do caminho que o buscador da verdade deve percorrer.

### O FIO DE ARIADNE

O labirinto dos Mistérios é uma figura geométrica de forma redonda ou retangular. Vista do alto, sua planta é bela e



harmoniosa e mostra as seguintes características:

- há somente uma abertura;
- o percurso é desconcertante e se desenvolve de maneira imprevisível, serpenteando até o centro;
- as voltas e reviravoltas ocupam todo o espaço interno;
- o caminho passa periodicamente bem perto do centro.

Seguindo o caminho, o raio de ação torna-se menor. Do ponto de vista filosófico, isto pode significar que perdemos nossas referências, ou nossos bens terrestres, mas que, por outro lado, a concentração, a interiorização e o direcionamento para o próprio princípio da senda que leva ao interior vão aumentando. Ficamos admirados ao ver que o movimento vai mostrando sucessivamente extensão e redução, inspiração e expiração. Este movimento alternativo cuja direção vai mudando sem parar desenvolve-se em três planos.

A palavra labirinto foi latinizada na Idade Média em *labor intus*, que significa "trabalho interior". Mesmo que esta etimologia seja inexata e não corresponda ao significado de origem, esta denominação designa entretanto o processo que corresponde ao labirinto e

Ao alto: este "labirinto" de Malekula pouco se assemelha aos labirintos dos Mistérios. Entretanto, funcionalmente ele se aproxima bastante deles (Layard, 1936).

Embaixo: O dédalo do jardim do papa Clemente X, organizado por Aemilius Altieri (1590-1676). (Det Kongelige Bibliotek, Copenhagen, na Dinamarca.)



que aí se desenvolve. Quem entra pela estreita abertura não tem nenhum ponto de vista exterior, mas deve seguir o caminho interior. Em seu trajeto, ele passa muitas vezes perto do centro, mas sem poder observá-lo. Não se trata de uma perda de tempo, pois, aproximando-se da finalidade e logo em seguida distanciando-se dela, passamos por um processo de maturação no decorrer do qual provamos nossa determinação e nossa perseverança. Não existe caminho em linha reta: de qualquer forma, ele não daria o resultado desejado.

No centro, finalmente, acontece o confronto. Este encontro no centro é representado de diversas maneiras. Aí vemos uma árvore da vida, uma torre ou um templo, uma fonte, a morte, o Minotauro, um peregrino, uma montanha. Na história simbólica que se desenrola no labirinto de Creta, o herói, Teseu, chega diante do Minotauro (um touro que é metade homem, metade animal). É preciso sacrificar em sua honra sete jovens rapazes e sete jovens moças, que são os sete poderes da alma. Graças a Ariadne, Teseu vence o monstro e põe fim a seu apetite insaciável.

Assim que chega ao centro de seu labirinto, o buscador pode encontrar aí um aspecto de seu eu egocêntrico, que é uma forma que provém dele mesmo e se manifesta como um monstro devorador. Com a ajuda da alma pura, simbolizada por Ariadne, ele pode neutralizar este aspecto do ego e vencê-lo. So-

mente Ariadne conhece a entrada e a saída do labirinto. Todo aquele que ousar empreender a luta com seu próprio Minotauro receberá da alma três poderes que se manifestam no coração, na cabeça e nas mãos. Quando estes três poderes colaboram em harmonia, constituem uma força de oposição capaz de fazer adormecer o eu animal, o Minotauro. Depois disso, a espada do espírito pode decapitar o monstro. O ténue laço do amor divino, o fio de Ariadne que liga novamente Ariadne a Teseu, permite que o herói encontre a saída.

Para chegar a se libertar do "eu", muito complexo, o homem deve fazer muitas voltas e reviravoltas em torno do princípio central de seu ser. Neste período, ele abandona seus poderes pessoais, ou seja: ele joga fora todo o seu fardo. Assim, ele deve revisar e colocar à disposição tudo o que possui, tudo o que ele é. Então, ele chega à compreensão através de traços de caráter contraditórios que o deixam angustiado, e ele atinge o ponto em que pode entregar-se à unidade. Mas até este momento, este lugar sempre está ocupado pelo Minotauro. O "eu" reivindica tudo para ele. Mas, se o eu aceitar a ajuda indispensável da alma pura, o átomo original, a centelha divina, retoma seu verdadeiro lugar no centro do microcosmo. Este estado é representado em inúmeros labirintos das catedrais da Idade Média, onde Cristo figura como força divina central.

#### **MORTE, RENASCIMENTO E RESSURREIÇÃO**

Para o homem que vivia antes da era cristã, o objetivo do labirinto não era o mesmo que o da Idade Média. Este último voltava-se para a nova Jerusalém para tornar-se consciente do mundo que era o resultado da queda. O percurso do labirinto era uma espécie de peregrinação que o crente deveria fazer de joelhos. Não era uma mamata! O labirin-

to da Catedral de Chartres tem um diâmetro de doze metros que inclui um percurso de 200m. O paradoxo do labirinto reside no fato que, de um lado, ele torna possível o acesso, e de outro, ele protege contra intrusos. Este duplo significado mostra que se refere ao processo de iniciação. Os labirintos mais antigos seriam, principalmente, para representar o circuito que vai do nascimento à morte e da morte ao nascimento. Geralmente era o símbolo do caminho para o centro da terra, para "a rainha subterrânea". Na Índia, o labirinto é representado sobre amuletos que servem para auxiliar no processo do nascimento. Entre os Hopis, o labirinto também simboliza (re)nascimento. O símbolo da Santa Terra Mãe é representado nos santuários subterrâneos dos Hopis, os kivas, com estas palavras: "Todas as linhas e corredores do dédalo do labirinto formam o plano universal do Criador que o homem deve seguir no caminho de sua vida".

#### LIBERTAÇÃO FORA DO DÉDALO

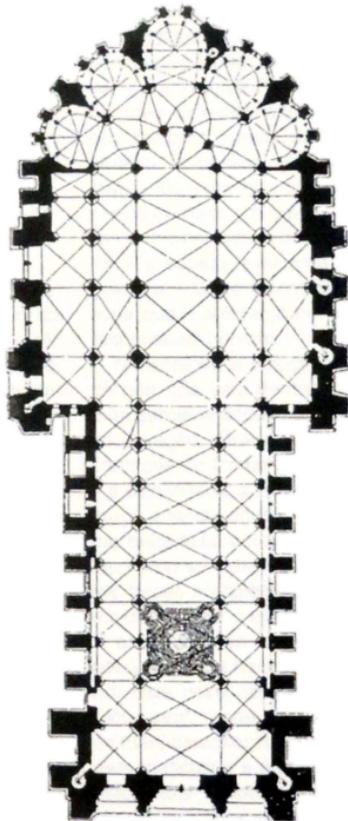
No século XX, o labirinto não perdeu sua atualidade. Na confusão e na fragmentação da vida moderna, ele mostra a muitos o caminho de retorno, que pode, em uma certa medida, conduzir à neutralização da teia de aranha tecida pelas impressões sensoriais. O pensamento materialista, com suas especializações, seu determinismo sem fim, sua conceituação, suas análises e sua busca de referências, acorrenta a natureza em um leito de tortura. É por isso que é mais apropriado falar de um dédalo de ilusões que mantém o homem aprisionado nos caminhos errantes de seus pensamentos, sentimentos e ações. Isto significa que o mental e o coração seguem uma falsa pista no dédalo, que os atos estão em correspondência com eles e, portanto, engendram o caos. No entanto, a cabeça, o coração e as mãos foram concebi-

dos para serem santuários onde a sabedoria divina pudesse manifestar-se.

Quando alguém é auxiliado pelos poderes da alma pura que provém do princípio fundamental de seu ser – o princípio espiritual – então está preparado para trazer à luz do dia todas as ilusões de seu eu, e também já pode vivenciar a unidade com a vida original. Guiado pela força espiritual chamada "Gnosis", o novo saber interior que deve ocupar o lugar central dentro de cada pessoa, o mental tem a possibilidade de preencher a missão para a qual ele foi criado: ser o espelho da sabedoria divina.

O cérebro também mostra um grande número de circunvoluções, semelhantes às de um labirinto. Assim o espaço

O labirinto da catedral de Chartres, na França, provavelmente executado por volta de 1220.



ocupado pelo cérebro também é ocupado ao máximo. Entretanto, para poder utilizar de maneira correta suas imensas possibilidades espirituais, cada um deve primeiro encontrar a saída do dédalo de suas percepções sensoriais.

## O RATO ELETRÔNICO

*Alguns cientistas que fazem pesquisas sobre a "inteligência artificial" organizam regularmente concursos chamados "O rato eletrônico". A finalidade destes concursos é fazer com que um dispositivo "inteligente" – um rato eletrônico – encontre o mais rapidamente possível o caminho correto que conduz ao centro de um labirinto. O vencedor é catalogado como o mais "inteligente". Os participantes tentam estabelecer um programa o mais aperfeiçoado possível para desempenhar a função de cérebro do rato. Há alguns anos, um vencedor inesperado ganhou o concurso em Paris. Ele não havia utilizado um rato eletrônico, mas um aparelho mecânico simples. O programa era baseado na idéia simples que, como o caminho era emaranhado e comportava apenas uma entrada, a muralha que ia da entrada até o centro deveria formar uma linha contínua. Então o mecanismo foi concebido para somente ir adiante e, com o auxílio de uma pequena antena do lado direito, mantinha contato ininterrupto com a muralha do labirinto. Este rato mecânico não somente ganhou o concurso, mas também foi cinco vezes mais rápido que seus concorrentes eletrônicos. Provavelmente ele não encontrou o caminho mais curto, mas foi o mais rápido e mais seguro. Sua rapidez deve-se ao fato de que ele não precisou hesitar, pois não tinha escolha e havia seguido um caminho contínuo, onde não era possível ele se perder.*

## O DÉDALO POR ONDE O BUSCADOR DA VERDADE ANDA SEM RUMO

*Durante sua busca, ao longo de sua vida, é possível que o buscador da verdade descubra um dia que existem duas realidades: a da ilusão e a da essência das coisas. As ilusões são sonhos que, por sua ignorância, o aprisionam.*

Quem vai atrás de sonhos em um mundo ilusório tem de sofrer sem parar e dificilmente consegue atingir o centro, a fonte e a causa da vida. No centro, no coração, oculta-se a realidade tal como um mundo maravilhoso que apenas podemos descobrir quando começamos a vivenciar as correntes divinas de amor e de sabedoria. Estes rios de força divina são onipresentes, mas os véus da ilusão nos quais muitos estão envolvidos os tornam invisíveis, imperceptíveis e portanto, tornam-se irrealis para estas pessoas.

Todos os que vivem na ilusão consagram sua energia a pensamentos e sentimentos que surgem interiormente, e é assim que perpetuam seus próprios sonhos. O que eles tomam por realidade é um amontoado de coisas imaginárias elaboradas por eles mesmos. Estas formas e estruturas de pensamentos e sentimentos são o resultado de uma força criadora mal direcionada e criam uma realidade à parte, que a filosofia da Rosacruz Áurea chama de "esfera refletora". Esta região compreende todas as idéias e projeções da realidade que o homem formou, ou ainda forma, mas que não fazem parte da realidade divina! É por isso que um chamado premente ressoa precisamente em nossa época, para destruir, finalmente, estas ilusões em que o mundo inteiro está mergulhado e para que, finalmente, a humanidade tome outra direção.

O buscador que ainda não pôde desligar-se de suas ilusões vagueia como se estivesse no dédalo de um labirinto, voltado para suas ilusões. De tempos em tempos, ele se aproxima do centro, mas sua atenção logo é atraída para outra coisa, e ele se distancia mais uma vez. Entretanto, o caminho que passa através do labirinto dos Mistérios o conduz, inexoravelmente, ao centro. Para chegar lá, o buscador da verdade deve entrar pelo único acesso e percorrer o caminho sem angústia, nem preocupações, nem medo. Quando chegar ao centro, ele já não estará sem rumo: já venceu a ignorância e adquiriu a onisciência.

### PROJEÇÃO DO IMPULSO INTERIOR NA VIDA EXTERIOR

Todos correm para satisfazer seus desejos, principalmente na sociedade febril do século XX. Desde a juventude, os métodos de educação e ensino estão direcionados para o problema de sustentar-se e ter certo valor na sociedade, o que geralmente acaba degenerando-se em luta uns contra os outros. Assim formado e direcionado, o ser humano não pode fazer de outra forma: deseja indefinidamente tudo o que a vida pode oferecer-lhe de melhor e de mais bonito. Assim, o homem corre sem parar, mas nunca está satisfeito, e ele jamais consegue realizar-se. Os campos de batalha, cobertos há séculos de idealistas agonizantes, mostram que é exatamente isto o que acontece. Mas quem acredita nisto? Ou será que o desejo não é bem empregado? Não seria ele a força que o Criador deu originalmente a sua criatura para encontrar o caminho de volta? O desejo impulsiona o homem



Jovem nobre carregando a imagem de um labirinto sobre seu coração. Sobre a entrada, encontra-se uma pinha e sobre ela uma pérola com três pérolas de cada lado (pintura a óleo em madeira, de Bartolomeu Veneto, 1502-1546, Fitzwilliam Museum, Cambridge, Inglaterra)

em seu caminho de experiências. E as experiências geram alegria ou tristeza, mas quase sempre trazem sofrimento. Ora, o sofrimento é capaz de suscitar a compreensão de que poderia existir um outro caminho se o desejo se voltasse para uma outra finalidade. Este outro desejo age como um ímã e volta-se para a pátria original do homem: a Natureza divina.

A procura de desejos comuns muitas vezes nos arrasta a caminhos cheios de idas e vindas, na ilusão de que estamos indo no rumo certo para atingir o centro. Na realidade, são tantos desvios suplementares!

#### O DESEJO DA "METADE" QUE FALTA

Como a separação dos sexos dá a impressão de que somos apenas uma

metade de um ser, todos nós procuramos a metade que falta e projetamos nosso desejo em um parceiro, temporal ou permanente. Mas também podemos criar um "pólo oposto" sob a forma de um ídolo, de um ideal, de um trabalho, de um esporte, de um passatempo favorito. Assim, cada um procura restaurar uma unidade perdida, sem entretanto jamais saber de que unidade se trata realmente.

No entanto, nenhum ser humano pode ser complemento de um outro, a ponto de formar a unidade desejada, a não ser por um instante passageiro. Quem está buscando a unidade divina em seu companheiro torna-se possessivo e exigente e fecha-se nesta atitude, passando, assim, muito longe da verdadeira missão de sua vida, que é procurar o centro do labirinto de seu próprio ser.

#### A SEDE DE PODER SERIA A LEMBRANÇA DE UMA GLÓRIA PASSADA ?

O desejo de poder pode ser proveniente da reminiscência do glorioso estado do homem original. Em algum lugar, no fundo de si mesmo, cada um sabe que poderia ser mais do que este pobre homem que está cansado de trabalhar e de se arrastar sobre a terra. Esta situação trágica leva cada um a mobilizar sua vontade para assumir o controle da vida, e fazendo isto, cada um esquece que, se libertasse em si a sabedoria divina todos os seus esforços seriam supérfluos.

Quando interpretamos mal esta reminiscência, podemos imaginar que somos extremamente poderosos e dotados de grandes poderes. Esta ilusão po-

de gerar o desejo de exercer influência sobre os outros, para conduzi-los para o que achamos bom para eles. Os livros de história estão cheios de casos como estes. Mas será que podemos imaginar maior impotência do que a de pensar que nos tornamos Deus em pessoa? Ou quando buscamos formar o mundo de acordo com nossa vontade, sem estarmos conscientes do Plano divino, que prevê, aliás, que as ilusões podem crescer até se esgotarem todas as suas possibilidades?

O desejo de poder compensa o sentimento de inferioridade que procede do fato de que não queremos nem podemos aceitar a personalidade limitada, este pássaro que bate apenas uma asa. Somente quando compreendermos finalmente que se trata de algo completamente diferente de nós – algo que precisamos conhecer – somente então permitimos que se dê a manifestação de um estado que ultrapassa todo e qualquer entendimento.

## A ILUMINAÇÃO INTERIOR

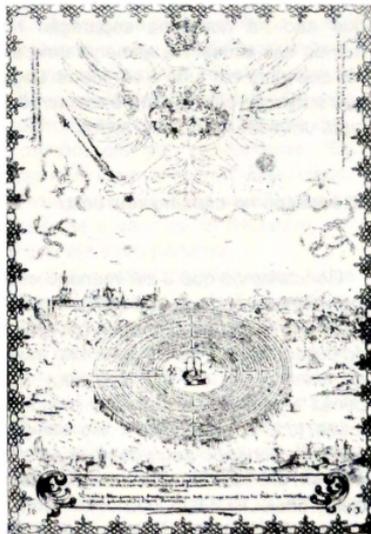
O desejo de iluminação, paradoxalmente, pode tornar-se o maior obstáculo ao caminho da iluminação. Como os seres humanos estão fechados em dimensões de espaço e tempo, eles têm uma imagem linear da situação que procuram atingir. Eles imaginam que podem subir um primeiro degrau, depois um segundo, depois um terceiro. Mas a realidade divina é de uma ordem totalmente diferente da ordem onde vivem os homens. A Ordem divina responde a suas próprias leis e não às dos homens.

Em razão de suas resistências interiores, a realidade divina os penetra pro-

vocando geralmente o que poderíamos chamar de choque. Muitos acontecimentos inesperados e algumas experiências duras vão conduzindo os homens – sem que eles compreendam, por causa de sua resistência – até o centro de seus próprios labirintos, até o núcleo espiritual, que não os abandonou!

Será que eles compreendem que é impossível encontrar a eternidade e a perfeição neste mundo? Se direcionam seu desejo para aquilo que vai acontecer, talvez, um dia, possam estar cegos para o que Já É, e possam passar longe do que é, neste momento, o mais importante. A verdade não evolui: ela é. É preciso perceber somente o que não é verdadeiro, o que é ilusão. Quem admite perder suas ilusões tem a possibilidade de descobrir, graças a sua nova liberdade, alguma coisa do que existe e sempre existiu. Ele lança um olhar, por

Labirinto no centro do qual se encontra a Fonte da Sabedoria (desenho a bico de pena em pergaminho, 1663, Statliches Museum, Schwerin, Alemanha).



assim dizer, sobre os muros de seu próprio labirinto, e percebe uma realidade completamente diferente.

As relações humanas naturais podem, às vezes, conduzir a uma grande ilusão, e aprisionar em um dedalo de idéias sonhadoras. Isto acontece porque o desejo de fazer parte de um grupo nasce do sentimento de isolamento que todos conhecem; geralmente é uma tentativa de compensar um grande vazio interior. Pensamos que o contato com os outros vai fazer desaparecer este sentimento de solidão. Preferimos correr atrás de um grupo a sofrer a dor visceral da solidão. Mas quem está procurando atingir uma unidade superior não tem de acreditar que esta vai vir até ele somente porque está sentado junto aos outros para trocar, agradavelmente, algumas idéias, por mais elevadas que sejam as conversas. A voz da nova alma somente pode ser ouvida no silêncio interior: então a personalidade percebe que não há nenhuma separação no mundo das almas. Há somente uma alma que vibra em tudo e em todos. Logo que a ligação com a alma é restaurada, cada um está ligado com todos.

#### **BLOQUEADO NO CAMINHO TORTUOSO**

Constatamos que o ser humano está fortemente preso a suas ilusões e projeções. Por medo de sentir dor, por temor do desconhecido, ele se agarra ao mundo exterior que ele conhece bem. Ele pensa a partir de dados deste mundo e mede tudo a partir deles. Ele sempre está direcionando seus desejos para o exterior, até ficar farto de suas experiências.

Mesmo bloqueado em um certo nú-

mero de planos, ele continua a projetar e a correr atrás de seus desejos. E ele é obrigado a isto, pois está preso, fechado neste labirinto tortuoso que é seu próprio ser. Quando finalmente acabou de explorar todos os cantos, então pode escapar dele e oferecer para sua alma imortal tudo aquilo do qual ela tem sede. Somente quando se livra de suas imagens deformadas é que ele pode chegar até o centro do labirinto.

Então ele procura, sem nenhum ego-centrismo, um jeito de cumprir a missão de sua vida. Ele conduz todo o seu ser para a Luz que irradia para todos. A libertação não é um objetivo pessoal, mas sim de toda a humanidade. A Luz irradia, e também deve irradiar através dele. E, na medida em que a ilusão e o egoísmo vão pouco a pouco deixando de impedir a ação da Luz, ele vai testemunhando cada vez mais a realidade vivente: *“O Reino de Deus está dentro de vós”*.

# A HISTÓRIA DE UMA ALMA ATORMENTADA

*que tentou encontrar a saída do tortuoso labirinto terrestre*

*Foi com histórias sombrias e com sarcasmo que Bertold Brecht tentou dizer a seus contemporâneos, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, que somente uma revolução social radical realizaria a verdadeira igualdade entre os homens e a verdadeira justiça. Toda a sua vida foi uma luta contra a injustiça fundamental: a luta de uma alma inflamada.*

Quem foi Bertold Brecht? Ele nasceu em 1898 em uma família burguesa. Enfermeiro durante a Primeira Guerra Mundial, suas inúmeras experiências fizeram dele um adversário selvagem de toda e qualquer violência bélica. Tornou-se um socialista engajado e firme. Durante a Segunda Guerra Mundial e nos anos que se seguiram, ele foi um destes espíritos lúcidos que impulsionaram muitos a busca de um outro mundo. Sua história de "Buda e a casa pegando fogo" mostra que seus comentários acerbos não vinham somente de um intelecto bem preparado, mas sobretudo de uma alma atormentada.

Para uma grande parte de europeus, nesta época "pensar" queria dizer "agir". Todos acreditavam nos políticos e simplesmente os seguiam. Apesar das grandes dificuldades sociais e econômicas de quase toda a Europa, relativamente pouca gente criticava a sociedade como Bertold Brecht. Ele fazia parte do pequeno grupo que tentava tocar o público por meio do teatro, dos cabarés, dos livros e dos artigos de jornal (só Bertold Brecht tem 30 edições de suas obras completas!). Depois da Segunda Guerra Mundial, suas idéias se torna-

ram populares, principalmente para a geração jovem. Em algumas palavras pertinentes, ele destacava o ridículo e a inconseqüência dos homens, de alto a baixo na escala social:

*Der Mensch lebt durch den Kopf.  
Sein Kopf reicht ihm nicht aus.  
Versuch es nur, von deinem Kopf  
lebt höchstens eine Laus.  
Denn für dieses Leben ist der  
Mensch nicht schlau genug.  
Niemals merkt er eben allen  
Lug und Trug.*

*Ja mach nur einen Plan.  
Sei nur en grosses Licht.  
Und mach dann noch 'nen zweiten  
Plan, gehn tun sie beide nicht!  
Denn für dieses Leben ist der Mensch  
nicht schlecht genug.  
Doch sein höheres Streben ist  
ein schöner Zug.*

*Ja, renne nach dem Glück.  
Doch renne nicht zu sehr.  
Denn alle rennen nach dem Glück.  
Das Glück rennt hinterher.  
Denn für dieses Leben ist der Mensch  
nicht anspruchslos genug.  
Drum ist all sein Streben nur ein  
Selbstbetrug.*

*(Dreigroschenoper, 1928.)*

Neste tipo de textos, que não são aliás todos dele (pois *A ópera dos Três Vinténs* é uma adaptação de *A ópera dos Mendigos*, de John Gays, de 1728, traduzida por sua colaboradora Erika Hauptmann), Brecht tentava destruir os princípios e as idéias estabelecidas, a fim de que as pessoas pudessem ter sua própria opinião. Goebbels, o porta-voz do partido de Hitler, escreveu em

seu jornal que os homens não tinham necessidade de pensar, pois o partido pensaria por eles. Os que detinham o poder preferiam manter o povo na ignorância e na dependência. Mas o mundo se agitava e o Ocidente iria entrar de cabeça em seu objetivo. Três grandes revoluções iriam acontecer (ver *Pentagrama* nº 3 de 1997). Estes movimentos já estavam sendo anunciados e muitos estavam procurando soluções, assim como as forças que trabalhavam em segundo plano. Graças a sua obra, Helena Petrovna Blavatsky, por exemplo, deu um grande impulso e despertou o interesse de muitos, a quem ela mostrou o caminho certo. Rudolf Steiner e Max Heindel deram um conteúdo e uma direção à busca que estava nascendo. Portanto, não é de se estranhar que Bertold Brecht se referisse a fontes como Buda. Estas idéias já eram tão correntes quanto hoje, mas a orientação não era determinada de forma tão explícita na primeira metade deste século quanto a que é dada atualmente pelos gnósticos e rosacruzes.

Portanto, podemos considerar Bertold Brecht o precursor de uma geração de buscadores, que ainda não sabiam exatamente o que estavam buscando. Se eles vivessem em nossa época, ficariam espantados quanto um europeu oriental que viesse há pouco tempo atrás ao ocidente e descobrisse que os pensamentos, que ele como indivíduo sempre tinha nutrido, eram aqui compartilhados por milhares de buscadores.

#### **APELO À IGUALDADE SOCIAL FORA DE UM PARTIDO**

Bertold Brecht via bem que a falta de respeito pelo próximo e a desigualdade social que daí resultava eram a fonte de agitações e conflitos sociais. É por isso que ele se esforçou muito – não para mobilizar as pessoas em um partido – mas, para fazer compreender, por seus textos alegóricos, que era possível rom-

per suas prisões. Foi provavelmente esta uma das razões do apelo de Madame H. P. Blavatsky, visando formar uma fraternidade mundial em que todos seriam iguais. Em nossa época, é claro que, graças ao poderoso impulso da Gnosis, uma fraternidade como esta pode eventualmente começar com as personalidades dos buscadores, mas ela somente teria força se estivesse baseada na alma imortal. É por isso que o antigo método da cultura e do treinamento da personalidade visando esta meta sublime tornou-se inadequado. Agora, a humanidade tem de dar mais um passo.

#### **DESCONHECIMENTO DA NATUREZA DIALÉTICA**

Brecht dá a entender claramente que, se quisermos progredir, é preciso abandonar tudo o que é nosso e está a nossa volta. Mas, ao mesmo tempo, paradoxalmente, ele defende o direito inato de cada um ser feliz na terra. Com isto, ele controla a lei da natureza dialética onde tudo tem seu oposto e onde a roda dos contrários está sempre girando. O que é alegria um dia pode transformar-se em tristeza amanhã. O ódio se transforma em amor e o amor em ódio, sem que nenhuma boa intenção possa quebrar este círculo vicioso.

#### **ÀS PORTAS DO LABIRINTO, VOLTANDO PARA O CAMINHO TORTUOSO**

Quem chega no fim do caminho tortuoso de sua busca e se encontra diante da entrada de seu labirinto pessoal pode compreender as palavras de Buda. Ele aprende, muitas vezes depois de muitas experiências duras, que somente deixará de ser levado pela “roda dos desejos” – que gira sem parar – se cortar conscientemente todos os seus queridos laços com a natureza dialética. Qualquer desejo terreno vem de um fo-

go ímpio que somente se desenvolve quando nós o alimentamos. O eu se defende, faz valer suas pretensões, tenta garantir um lugar na sociedade dos homens. Ora, quanto mais o alimentamos, mais este fogo nos devora. E ele nunca se apaga!

#### EM BUSCA DE UM MUNDO MELHOR

Bertold Brecht sabia que a humanidade em geral segue a lei da inércia. É esta lei, bem conhecida por todos aqueles que exercem o poder, que ele queria combater para estabelecer um mundo melhor. Entretanto, ele jamais se filiou a um grupo, o que não facilitou sua tarefa, pois seu combate interior o fazia estar sempre mudando e ele se expressava de modo contraditório. Sua tentativa de "transformar os homens" reduziu-se a uma oscilação forçada entre a realidade e um idealismo desprovido de todo e qualquer senso de realidade. Isto fez com que ele se tornasse célebre como revolucionário, porém irritava a todos com suas pregações moralizadas: "Vocês melhoraram o mundo? Então, melhorem o mundo melhorando, renunciem a ele!... Enquanto estavam melhorando o mundo, vocês aperfeiçoaram a verdade? Então, continuem a aperfeiçoar a verdade: renunciem a ela!... Agora que vocês já aperfeiçoaram a verdade, vocês já transformaram a humanidade? Então transformem a humanidade: renunciem a ela!..."

#### A SOLIDÃO QUE VAI CRESCENDO

Brecht fugia da rigidez dogmática, da "cristalização do momento". Por isso, trabalhou sem descanso e até o último momento, com interpretações sempre novas de suas peças. Mesmo a razão da transformação da humanidade já tinha-se tornado para ele um ponto de interrogação. "Onde quer que você vá,

*O homem vive pela cabeça.  
Mas a sua cabeça já não presta.  
Entenda só isto:  
Na sua cabeça só vive um piolho!  
Pois a humanidade não é  
suficientemente esperta  
para esta vida.  
E nem percebe todas as  
mentiras e as ilusões.*

*Pois então imagine só  
um plano.  
Seja somente uma  
grande Luz.  
Imagine ate um  
segundo plano.  
e você vai ver que os  
dois não vão dar certo!  
Pois a humanidade não é  
suficientemente má  
para esta vida.  
Por isso, sua mais alta  
aspiração é um belo trago.*

*Sim, vá correndo atrás  
da felicidade.  
Mas não saia  
correndo tão depressa.  
Todos correm atrás  
da felicidade.  
Mas a felicidade acaba  
ficando para trás!  
Pois a humanidade não  
é suficientemente sem  
palavra para esta vida.  
Por isso, todas as  
suas aspirações não  
passam de ilusão.  
(A ópera dos  
Três Vinténs, 1928.)*



ela não tem sentido. Onde quer que você esteja, você não escapará dela." Na última ária da ópera intitulada *Grandeza e decadência da cidade*, de Mahagonny, ele defende apaixonadamente o direito inato do homem de ser feliz aqui na terra. Ao mesmo tempo, ele protestava contra a falsa moral burguesa e religiosa, baseadas na mentira.

Apesar de sua celebridade, era modesto com seus colaboradores e amigos. Ele era prudente, hospitaleiro e extremamente inspirador. Entretanto, parecia muito só. Seria tanta esta solidão de um homem que estava "no exílio interior" que até seus amigos mais próximos não podiam chegar até ele?

Não foi ele quem reconheceu, em seu leito de morte – e ele tinha apenas 58 anos! – que não era ele, mas Buda quem era realista, pois Buda "não respondia às indagações de quem ainda não estivesse amadurecido para compreender a resposta"? Ele, que considerava seu maior dever "estar sempre chamando na noite", e que começava a duvidar da verdade tal qual a imaginava? "Você poderia ter razão: a verdade só existe em nossa imaginação", escrevia ele a um amigo, pouco antes de morrer.

## O DESEJO DE ENCONTRAR A VERDADE

Bertold Brecht sempre estava mudando de endereço. Em sua casa, cômodos com paredes gastas estavam sempre cheias de livros e jornais. Ele só levava uma imagem onde quer que fosse: um pergaminho sobre o qual estava representado Lao-Tsé. Será que este descrente pensava no grande iniciado chinês?

Brecht fala em seu jornal sobre a lenda da "aparição do *Tao Te King* quando Lao-Tsé deixou sua pátria". À pergunta do guardião, sobre o que Lao Tsé, o sábio, havia dito, Brecht – que em quase todos seus textos fustiga duramente a injustiça, que é a causa de grandes

sofrimentos – deixa a resposta aos alunos de Lao-Tsé: "A água fluida, ao correr, acabará vencendo, com o tempo, a dureza da pedra – fenômeno ao qual tudo o que é duro é submetido".

E no *Ciclo que se dirige à jovem geração*, ele escreve: "Eu também gostaria de ter sido sábio. Os velhos livros nos dizem que ser sábio é manter-se fora da luta do mundo, atravessar sem medo o tempo que é tão curto, conseguir retribuir o mal com o bem, sem violência, e não satisfazer nossos desejos, mas sim esquecê-los. Eis o que é verdadeiro para o sábio. Mas não posso fazer nada disso: na realidade, eu vivo em tempos obscuros! Nós sabemos, entretanto, que o ódio contra a baixaza deforma os traços do rosto; que a cólera contra a injustiça enrouquece a voz. Vamos! Nós que queremos estabelecer as bases da amizade, não podemos nem mesmo nos comportar amigavelmente! Vocês, entretanto – se é verdade que o homem sustenta o homem – lembrem-se de nós com benevolência".

Brecht renunciou ao bem estar e à segurança para seguir a um chamado interior. Mas ele escolheu um rumo diferente de Buda, porque seu ponto de partida era diferente. Buda indagou a respeito do "significado" do sofrimento; Brecht somente constatou a existência do sofrimento. Buda buscou a causa subjacente, a verdade; ele reconheceu que o inimigo mais forte e mais perigoso para o homem era seu ser astral, cheio de desejos e de ambições que o ligam ao mundo perecível enquanto ele é estimulado pelas aparências exteriores e o desejo de identificação com o mundo da matéria. O sofrimento é a consequência inevitável. Mas é também uma grande chance! Afinal, a "queima" pelo sofrimento pode ser purificadora e pode levar à compreensão. Bertold Brecht, o eterno rebelde, não pôde nem quis partilhar esta compreensão com Buda. Para ele, verdade e realidade se encontravam no mesmo plano, o plano terrestre. Para ele, a verdade ideal não existia, mas somente a verdade da vida vivida aqui e agora.

Depois das experiências da guerra, ele começou a aprofundar-se no cristianismo. Ele considerava Jesus um "grande revolucionário", mas o que ele via "de olhos bem abertos" era um mundo hipócrita onde reinavam o poder do mais forte e a desigualdade do destino dos homens: "Pois Deus esqueceu-se do homem, ele tem péssima memória. Vamos louvá-lo por isto, pois assim sere-mos libertados do pecado original e vamos voltar ao estado de inocência original".

Sua conclusão era a seguinte: "De nenhum modo deve-se trocar a antiga fé (religiosa) por uma nova, inspirada no desejo horrível de continuar cego!"

Segundo Brecht, as palavras, em sua época, estavam esclerosadas por serem usadas com muita frequência e pouca reflexão. Sua forma fixa havia feito que elas perdessem seu significado mais sutil. Efetivamente, durante séculos, fizeram mau uso do nome de Deus, estropiaram-no, esvaziaram-no e roubaram seu verdadeiro significado gnóstico. Quando uma palavra é mutilada desta forma, ela passa de geração em geração, evoca associações negativas, e pode suscitar a negação e abafar a voz de Deus no coração do homem. A este respeito, Brecht escreve: "Não é a toa que cada novo dia é anunciado pelo canto do galo, que é o sinal da traição desde a Antiguidade".

De que traição ele estava querendo falar? E quem estava sendo traído? O mundo de Brecht, sua "casa em chamas", era verdadeiramente uma casa sem Deus? Em sua obra lírica, ele faz a crítica da sociedade. Em seu teatro, entretanto, este aspecto fica em segundo plano. Os personagens principais não são heróis do proletariado, mas pessoas solitárias, individualistas que caíram na armadilha, no caminho tortuoso de suas próprias vidas interiores, e que, como não chegaram a encontrar a si mesmos, entram em disputa eterna com um deus justiceiro que, no final das contas levava desvantagem.

E Brecht acaba perguntando-se qual



será o resultado de todos estes protestos. "Será que vai aparecer um outro tipo de homem? Ou um outro mundo? Talvez somente outros deuses? Ou não haverá nenhum deus?" (*A Boa Alma de Set-Auan*)

O dédalo pode transformar-se em um labirinto (*Pentagrama*).

**"QUANDO CHEGARÁ O DIA EM QUE  
PODEREI VER DEUS FACE A FACE?"**

A primeira vista, Brecht tentou dissimular a traição do movimento socialista, falando de "vestimentas da verdade", que é uma idéia baseada em areias movediças. "A verdade é concreta", escreve ele em letras maiúsculas em um estandarte pendurado em sua porta. Com isto, ele queria dizer que a verdade tem de ser uma realidade terrestre, uma realidade que possamos adaptar, mudar, e portanto, medir. Outro tipo de saída levaria, segundo ele, a "não fazer o que devemos fazer". Seria esta a razão pela

qual, depois de toda uma vida de protestos, ele acabou sua vida no que se chamou a República Democrática Alemã?

Não é de se estranhar que todas estas conseqüências tenham deixado cicatrizes em sua alma. Ele anota: "Quando a ferida não dói, é a cicatriz que faz a gente sofrer". Seria ele, quem dizia sobre si mesmo, que era alguém que sempre esteve de passagem, um homem dentro do qual acontecia uma batalha extremamente virulenta entre "as necessidades naturais da vida", das quais ele era o defensor, e "a solidão contínua do ser encarcerado em sua própria moradia", um homem que chegou ao limite em uma vereda estreita que se acaba, de um lado na compreensão libertadora, e de outro, no eu intelectual que está sempre em oposição e que jamais conseguirá ultrapassar a fronteira estabelecida por ele mesmo?

#### **INQUIETUDE SAGRADA**

Ele começou a sentir que o mundo e ele eram estranhos um ao outro. "Inquietos, estamos situados o mais próximo possível da fronteira, esperando o dia da volta", escrevia ele quando vivia no estrangeiro. "Voltar para onde? Estou à margem da estrada. O chofer está trocando um pneu. Não tenho vontade de ir aonde estou indo. Então por que estou olhando tão impacientemente esta troca de pneu?"

Tocado pelos abusos inimagináveis deste mundo, ele se engajou criativamente para melhorar o mundo. Mas, no final do percurso, ele aterrissou na antiga República Democrática Alemã e se conformou com o regime, de boa vontade. Ele era mimado, e admirava muito Stalin, que no entanto foi responsável pela morte de 30 milhões de pessoas. Será que ele não via o absurdo disto tudo? Estaria cego, por estar tão amargamente desencantado? Será que sua própria casa estava pegando fogo e ele

não podia nem queria sair?

É importante notar que sua obra recuperou sua atualidade neste final do século XX. A inquietude social está aumentando e todos estão sentindo-se forçados a dar sua própria opinião. Muitos têm o direito de basear-se em Brecht, mas a questão importante é saber se isto vai realmente fazê-los ir para a frente. Na realidade, quem vê uma chance de ultrapassar os limites da natureza dialética, quem agarra esta chance e é içado para fora do poço da morte, tem de tomar consciência de que, para chegar a qualquer coisa, a crítica dos outros não é suficiente. O verdadeiro buscador ultrapassa esta etapa e sai da casa que está pegando fogo bem a tempo.

E contudo, sem dúvida nenhuma, Bertold Brecht, que estava perdido no dedalo de sua vida, impulsionou e ainda impulsiona um grande número de pessoas à reflexão. Talvez ele tenha lançado uma ponte entre este mundo e um outro, onde ele mesmo não pôde entrar, mas onde outros poderão!

## A CASA QUE ESTÁ PEGANDO FOGO

*Escritor e poeta alemão, Bertold Brecht (1898-1956) escreveu sobre Buda o seguinte apólogo:*

Gautama, o Buda, ensinava a seus alunos a existência da "roda dos desejos", à qual todos os homens estão acorrentados. Eles deviam, portanto, renunciar a seus desejos a fim de que, libertos de todos eles, pudessem entrar no Nada, ou Nirvana. Um dia, um de seus alunos lhe perguntou: "O que é o Nada, mestre? Segundo dizes, deveríamos renunciar a todos os nossos desejos. Mas diz-nos, pois, se o Nada no qual penetraremos pode ser comparado ao fato de estar unido a toda a criação, como, por exemplo, alguém que estivesse preguiçosamente deitado na água sem refletir, pode sentir-se em união com a natureza, ou quem, sem perceber, puxa sobre ele uma coberta e logo mergulha no sono. O Nada é alguma coisa feliz, um bom Nada, ou não passa de um Nada frio, vazio e sem nenhum significado?"

Buda ficou muito tempo em silêncio e depois respondeu, negligentemente: "Não existe resposta para tua pergunta".

Mas à noite, quando todos os que faziam perguntas já haviam partido, Buda ainda se ocupava de alguns alunos que ainda estavam preocupados com a pergunta que havia sido feita, e lhes disse: "Há pouco tempo vi uma casa pegando fogo. As chamas saíam para fora do teto. Cheguei perto e observei que ainda havia pessoas lá dentro. No entanto, elas não demonstravam ter nenhuma pressa e uma delas até me perguntou, com suas sobranceiras que já estavam vermelhas de calor, como estava o tempo aqui fora: se estava chovendo, se

havia uma tempestade e assim por diante. Sem responder, saí pensando que com certeza estes homens iriam queimar-se antes de parar de fazer perguntas. Na realidade, meus amigos, para quem o chão ainda não ficou tão quente debaixo de seus pés a ponto de preferir deixar o lugar onde está, eu não tenho nada a dizer".

Assim falava Gautama, o Buda.

QUEM SAI DO DÉDALO CHEGA



## AO CENTRO DO LABIRINTO

Representação do mito de Teseu. As filhas do rei Minos, Ariadne e Fedra, despedem-se de Teseu (à esquerda) e velam a entrada do labirinto (à direita), enquanto o herói combate o monstro. Em seguida, os três sobem em um navio com uma vela negra (Arte florentina, óleo sobre madeira, Cassoni Campana, século XVI, Museu do Petit Palais, Avignon, França).





*Se escolhemos o termo "dédalo" para simbolizar a falta de rumo, então é possível considerar o "Labirinto dos Mistérios" como o símbolo do caminho iniciático que cada um terá de percorrer um dia.*

Ínumeros labirintos estão ligados a um mito que explica o encaminhamento até o centro. Estas lendas tratam da vida e da morte, mas sobretudo da vitória sobre a morte para encontrar a Vida. O mesmo acontece com os caminhos tortuosos. Certamente há construções que se assemelham muito ao Labirinto dos Mistérios, mas o dédalo parece ser de concepção mais recente, e traçado principalmente para divertir àqueles que entram neles, fazendo com que perdessem o rumo. Labirintos e dédalos não têm a mesma estrutura, pois os dois têm uma finalidade diferente. Agora, perguntamo-nos se o dédalo não foi elaborado pelo homem da Renascença, que estava submetido a uma influência crescente de suas velhas raízes cárnicas. Afinal, na Renascença, tentou-se reviver todos os valores do passado e, no decorrer deste "reviver", pode ser que o labirinto tenha sido revestido de uma nova forma. Nesta época, os novos processos de desenvolvimentos que alargaram os horizontes estimulavam a Europa e interpelavam a personalidade de uma forma completamente diferente. O homem, no tempo do Labirinto dos Mistérios, não era tão individualizado. Ora, a Renascença suscita uma evolu-

ção que valoriza as qualidades individuais, de tal forma que ele parte para uma aventura ao interior de si mesmo, guiado e enganado pelos sentidos, o que resultou no desenvolvimento de uma consciência que poderíamos definir como um dédalo, cheio de sinuosidades caprichosas e de recantos obscuros, extremamente propícios a levar a um impasse.

Quem, um dia, não se viu contra a parede, no labirinto de caminhos tortuosos de sua própria consciência e, completamente oprimido por todas estas possibilidades – que não param de se transformar e não levam a nada de positivo – não continuou a buscar, mais ainda, a porta de saída? Como buscador, ele deixa passar a meta que está seguindo no labirinto, onde o que o espera pode ser a nova vida... ou a morte. Aqui, encontramos as palavras *labor in-tus* que podemos traduzir como "trabalho interior". Se o dédalo representa a vida exterior, o labirinto simboliza a vida interior. É daí que nos vêm as imagens e os mitos de que dispomos.

#### **QUEM ENTRA NO LABIRINTO?**

A entrada no labirinto supõe o abandono do mundo exterior por parte do buscador. Este tema aparece claramente no mito de Teseu e Ariadne. Teseu entra no labirinto para vencer o Minotauro – metade homem, metade touro – ou, em outras palavras, para matar dentro dele mesmo o que é animal, infe-

rior, para que o superior, o nobre, o divino, possa viver. Para ele, a ligação com a alma é um apoio indispensável.

A execução desta missão mostra uma grande correspondência com a realização do caminho da alma, conforme o fazem os rosa-cruzes atuais. Podemos então considerar o labirinto como um sistema complexo que contém o passado microcômico. É possível sair andando por seus inúmeros corredores e voltas, mas o essencial é entrar na própria essência de seu ser. O que vamos encontrar? De acordo com a fase de nosso desenvolvimento, pode ser o monstro de nosso próprio karma, ou a Nova Vida, o Templo, o núcleo interior da verdadeira vida, o átomo crístico, enfim, a porta de entrada para a Nova Vida.

Apesar de ser grega, a palavra *labyrinthos* remete a uma época bem mais antiga. Muitas pesquisas foram efetuadas e muitas explicações foram dadas, mas sabemos pouca coisa a respeito da origem do labirinto. Os grandes "labirintos" mencionados pelo escritor latino Plínio, o Velho (23-79 d.C.) trazem este nome porque provavelmente ele o encontrou em outros escritores. A maior parte das explicações científicas não passa de especulações baseadas em algumas observações de historiadores do passado, como Heródoto, que visitou o labirinto do Egito cinco séculos antes de Plínio. Em que informações devemos acreditar? Cada interpretação não é a expressão de uma consciência particular, mesmo quando se trata de fatos grosseiros?

O arqueólogo, ou o historiador, que reuniu dados, por exemplo, os interpreta de acordo com suas idéias. As controvérsias são numerosas. E as explicações baseadas em textos antigos são tão fantasiosas e tão difíceis de serem substituídas no tempo que é pouco provável que elas se tornem verdades básicas. E isto vale ainda mais para o que diz respeito ao domínio esotérico.

Em geral, pode-se dizer que o desejo é o pai do pensamento. Por todas es-

## **MAS, SE O TODO ME PERTENCE, O QUE POSSO DESEJAR MAIS?**

A bênção se distancia como um barco na noite escura, porque, como o essencial da Doutrina Universal não é reconhecido, o ato justo não acontece. É por isso que o sábio diz, e isto já há 2.500 anos:

*Meu ensinamento tem  
uma só proposição,  
Meus atos são  
determinados por ela,  
Explicada pelos homens de  
múltiplas maneiras,  
Ela se tornou um novo  
embaraçado  
Em volta de seu centro.*

Realmente, não é mesmo verdade que muitos aprisionam a verdade única pura e simples, a chave da verdadeira vida, no novo de uma sabedoria aparente e de uma confusão tagarela? Ora, Lao-Tsé diz:

*Eu, que conheço o caminho  
dentro do labirinto  
não me deixo enganar  
pelos fogos-fátuos.  
Seguro o fio que me liga  
ao centro, e olho calmamente  
para lá, onde os outros  
lutam em vão.*

*Eu não desempenho nenhum  
papel na cena pomposa  
do mundo, Pois não me  
vanglorio em nada para os  
homens pretensiosos.  
Muita gente corre atrás de  
uma parte do Todo,  
Mas, se o Todo me pertence, o  
que posso desejar mais?*

Texto extraído de *A Gnosis Chinesa*, de Jan van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1992.

Labirinto de Creta. Dédalo (considerado construtor deste labirinto, cuja existência aliás é contestada) e seu filho Ícaro (Gravura em madeira, de Pietro Sardi, 1618, Bayerische Staatbibliothek, Munique, Alemanha).

tas razões, nós nos permitimos dar nossa própria interpretação. Escolhemos, portanto, fazer a distinção entre labirinto e dédalo. O primeiro representa o caminho interior que o candidato escolhe, como aconteceu com Christian Rosenkreuz. O segundo pode ser considerado como o mundo no qual o homem, conduzido por seus sentidos, tem de vagar sem rumo até que a medida seja preenchida e que ele faça uma escolha. Portanto, o dédalo vem antes, e o labirinto – assim esperamos – surge em seguida, em consequência. Encontramos esta distinção entre estas duas funções nos antigos labirintos ligados às construções, aos jardins, aos templos e lugares de iniciação que serviam para mostrar a quem fosse capaz, o caminho que leva ao mais profundo de si mesmo, a fim de sair daí renovado.

Se nos reportarmos à lista de labirintos de Plínio, poderemos dizer que seus conceitos sobre o assunto são diferentes dos conceitos dos buscadores que vieram depois dele. Para ele, tratava-se de um conjunto de construções gigantescas e inacessíveis, uma parte sobre o chão, outra parte subterrânea. Sem dúvida, estas construções eram templos, pois os poderes religiosos e temporais eram interligados, na Antigüidade. Portanto, parece ser lógico pensar que se tratava de locais de iniciação, e que a partir daí que se desenvolveram os dédalos da Renascença. Mas por quê? O encaminhamento dentro dos labirintos antigos teria por finalidade combater o subconsciente, e o dédalo foi uma forma renovada de labirinto, em que os sentidos desempenhavam um papel mais importante do que o subconsciente? Sim, há milhares de anos, o homem que estava no caminho de iniciação devia enfrentar seu subconsciente para vencê-lo, e hoje em dia não é diferente! Mas a importância foi deslocada. Hoje em dia, o ser humano é regido por sua consciência de vigília, que por sua vez é regida pelos sentidos. É preciso acrescentar que a consciência coletiva de hoje é provavelmente muito

mais complexa do que há séculos. É preciso, forçosamente, que nos libertemos desta consciência coletiva, que penetremos até o centro de nosso ser, que entremos em nosso próprio labirinto para resolver a questão fundamental de nossa vida. A libertação da consciência de grupo nos eleva à consciência da alma, que engloba toda a humanidade.

É por isso que cada um deve perceber as atividades de seus sentidos e aprender a trabalhar com a consciência formada por seus sentidos. Entretanto, há uma diferença: o labirinto comporta uma só entrada e um só caminho, enquanto o dédalo, dependendo do construtor, pode ter uma só entrada, mas inúmeros caminhos que se cruzam, o que torna a escolha extremamente difícil. Podemos comparar estes inúmeros caminhos à multiplicidade das impressões e mistificações dos sentidos. Aqui também um fio de ouro pode garantir a saída. Ora, Comenius declara que alguém nos estende este fio de ouro quando, na simplicidade e na renúncia a todo o tipo de desejo, nos voltamos para Deus.

# O DÉDALO DA VIDA E A SAÍDA PARA A ALMA

*Reflexão de um aluno*

*Para quem entra pela primeira vez em contato com a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, depois de escapar das manobras e turbilhões da vida cotidiana, este é um momento muito especial. Um sentimento poderoso faz seu coração vibrar e o comove até o mais profundo de seu ser. É possível que ele se sinta, por um momento, como se fosse "iluminado" e esqueça o desenvolvimento habitual de seus pensamentos. Mas, eventualmente, há outras reações.*

Ele pode sentir uma confusão total, pois um grande número de pensamentos vão-se fundindo aqui e ali e invadem seu céu microcósmico, como o sopro inquietante dos ventos de outono. Ele também pode reagir fisicamente. Sim, ele está buscando esta Luz há tanto tempo, mas será que este encontro veio em um momento oportuno? Seu cérebro, habituado aos pensamentos comuns, repele o toque e busca uma explicação "lógica" para o acontecimento. Desde então, ele anula o efeito do encontro. Ele sente, eventualmente, que este encontro literalmente "está além dele", que ele não pode imaginar algo tão fantástico. A experiência recolhida em seu campo de respiração o impulsiona a buscar uma porta de saída. Ele procurava o sentido da vida, com toda a honestidade e sinceridade, mas de repente, seu coração ficou cheio de fogo e de chamas, como se ele acabasse de ser admitido em um campo de luz. Nenhum pensamento consegue penetrar aí: ele não consegue pensar em nada! Ele sente, ele sabe: "Sim, é verdade!" quaisquer que sejam as conseqüências.

Há um momento em que ele experimenta uma imensa gratidão no mais profundo de sua alma. O influxo que o tocou não durou mais do que um instante. Ele o desejava, mas as circunstâncias o impedem sempre de tomar parte, direta e duradouramente, desta Luz. O buscador cai novamente no isolamento. Ele tinha apenas combustível para um fogo de palha, rapidamente consumido.

Diferentes atitudes devem resultar de um toque como este, para que esta abertura completamente nova não seja reduzida a um sonho. A Luz está dentro dele, sepultada. O que resta dela é uma reminiscência, uma impressão que ficou na retina do olhar interno. O buscador já teria sido tocado o bastante para começar a operar algumas mudanças elementares em seu comportamento? Se sim, então ele vai querer entrar cada vez mais em contato com a Escola Espiritual. Seu desejo interior terá sido suficientemente grande para que ele tenha o combustível necessário para um novo impulso da Luz? Em caso contrário, ele seguirá sua viagem lembrando-se cada vez mais da Escola Espiritual como de um grupo especial de personalidades diversas.

## **ELE JÁ NÃO PODE PASSAR SEM ESTE ALIMENTO...**

Quem aceita positivamente este primeiro toque, já está às portas do aprendizado. A Escola Espiritual estimula o desejo que está adormecido dentro dele e o estimula a fim de que ele quebre os obstáculos elementares. Ele "endireita os primeiros caminhos". Ele se pergunta: "Mas o que vai acontecer-me? E por que os outros não dividem comigo a mi-

nha alegria? E como a Luz universal encontra tão poucos corações abertos?" Ele constata que muitos, a sua volta, estão bastante voltados para a matéria, à qual eles consagram totalmente a consciência de seu próprio eu. Ele sente que há uma nova ligação que se estabeleceu como uma aliança, como um alimento sem o qual ele já não poderá passar.

É o começo de uma grande transformação e de uma total renovação interior. Ele fica extremamente contente de constatar que o que sempre pareceu ser impossível de mudar está sendo mudado dentro dele hoje mesmo; e que o que ele jamais encontrou, ilumina-se agora mesmo diante dele. É um período de a-deus, de ruptura de antigos laços que se opõem à nova evolução. Como ele gostaria de partilhar tudo isto com outros! De falar sobre isto com eles! Mas ele percebe, agora, que a compreensão mútua é mais difícil. O que está acontecendo é tão recente, que ele não consegue exprimir-se tão facilmente... Um dia, talvez...

#### POR QUE AINDA NÃO HÁ NENHUM SINAL?

O processo continua. Pelo menos isto, pensa ele. Só que... será que a "volta" do Outro dentro dele não está demonstrando um pouco? Depois destes primeiros cinco ou seis anos, não seria de se esperar uma certa melhora? Esta Nova Alma da qual fala a Doutrina Universal e para a qual ele trabalha há tanto tempo não deveria responder, um dia? Ou se fazer ouvir? Dar um sinal? Mas não: ela continua silenciosa. Ela se cala. Ela continua longe, em segundo plano. Ela está... aprisionada!

Então, o aluno entra em uma nova fase. Ele está fortalecido, ele está consciente. Novos processos de desenvolvimento estão para vir. Os livros da Escola Espiritual sempre lhe estão revelando novos Mistérios. Os que o ouvem falar, modestamente, mas muito seguro, demonstram certa confiança. Mas será



que ele não está também em um caminho de atividade individual? Será que ele não deveria seguir sua senda independentemente? A Escola Espiritual... certamente é a verdade, mas não seria o caso de pensar fora de toda e qualquer autoridade? Além disto, todos cometem suas faltas, não é mesmo? Mesmo os que estão em nível mais alto! Não existem outros autores de livros importantes? "A psicologia e a ciência do oculto", por Ouspensky, por exemplo? Como aluno, estas obras poderiam ensinar-lhe ainda muitas coisas. E Krishnamurti, não é ele quem faz a análise extremamente precisa da "angústia", este grande obstáculo à verdadeira percepção? Qual é o inconveniente de ler estes livros, não é? E assim, há tantas perguntas sinceras de um coração sincero que ele não faz a ninguém a não ser a si mesmo, diante de seu tribunal interno. Mas a alma continua sempre calada. Não se nota nem sequer o mínimo sopro.

Isto faz com que o buscador reflita. Será que a alma não se expressará em sua consciência? Sua natureza não é astral e real? Ou será que ele entendeu tudo errado? "*És o rei dos judeus? És o Filho de Deus?*" pergunta ele. E a pergunta já vem com a resposta: "*Sim, eu sou.*"

A transformação e a renovação que estão começando continuam. Ele a-

A "anima" ou a alma crítica mantém-se no centro do labirinto, voltada para a luz que, da cidadela celeste, dá sinal aos buscadores no mar da vida. Um cego é conduzido pela mão, que é o símbolo da confiança de Deus (Boëtius van Bolsward, 1580-1634, Herzog August Bibliothek, Wolfenbuttel, Alemanha).

prende a conhecer sua alma. Agora, ele está a postos, pronto para que peçam sua vida e para dar todo o seu tempo e toda a sua energia. Ora, a família e o trabalho não podem esperar nem sequer um segundo. O dédalo da existência o deixa esgotado interiormente e ele oscila de um extremo a outro. Ele tenta resolver os problemas de modo diferente dos outros. Sua consciência tornou-se maior, mais vasta. Ele procura a solução em outras dimensões. Quando está doente, ele já não se atira aos remédios, aos pós ou às especialidades da medicina paralela. Ele diz para si mesmo: é de importância capital que eu esteja informado a respeito das coisas invisíveis, esotéricas, para poder responder a outrem com exatidão. Devo manter-me voltado para o objetivo de modo independente, ativo, até o momento em que...

Até que momento? Até que "ela" fale? Mas a alma se cala. "*O sumo-sacerdote levantou-se e lhe disse: Não respondes nada? Jesus manteve-se calado. E eles o fizeram voltar para castigá-lo.*"

Esta linguagem figurada está indo longe demais? A alma caiu prisioneira. Ela acompanha o buscador em todos os acontecimentos, em todas as situações onde ele segue retamente o único caminho que leva à Vida. O que ele quer é comunicar-se com as plantas e as árvores? Ela se cala. Ele quer a compreensão superior? Ela não responde. Ele tem que praticar esqui? Praticar técnicas como o "caixão de isolamento"? O "renascimento"? A "regressão"? E sua carreira? E seu divórcio? Ela se cala. "*Não estais ouvindo de quantas coisas te acusam? Mas Jesus não lhe dá nenhuma resposta, o que muito espantou o governador*".

À medida que o aluno segue em frente no caminho da libertação interior, ele vai sentindo que a sabedoria da alma, que ele gostaria tanto de repartir, talvez ainda esteja longe e ainda não pode atingir sua consciência. Logo vem a crise. E todos os que poderiam apoiá-lo, os discípulos, estão longe. Eles já não têm

nenhuma utilidade, e estão muito fracos agora que a consciência antiga precisa encontrar-se face a face com a Nova Alma. "*Eu não vejo nada de culpável neste justo!*" Mas a multidão – a consciência – grita: "*Que ele seja crucificado!*"

Assim rompe a Luz: há milênios que ela está morrendo dentro do homem que caminha sem rumo. É impossível que ele não viva sua vida, que ele deixe de fazer perguntas. E, ao mesmo tempo, é impossível que a Nova Alma já esteja independente e livre. A menos que ela não morra! Em meio a seus mais sérios esforços, ele vê a Luz ao longe, como em segundo plano. Esperamos que ele não a abandone, pois ela, certamente não o abandona! Não importa em que circunstância ele deva seguir a alma que se cala, até atingir o segundo plano. Então, já não será ele, mas a Nova Alma que estará em questão.

Quando ele compreende, finalmente, já é muito tarde. Pedro se amaldiçoou por ter renegado a Jesus; e os remorsos por tê-lo traído levam Judas, o calculador, a enforcar-se. Nenhum destes dois estava pronto para segui-lo porque ainda pertenciam à natureza mortal e não a Ele, ao Outro. Este é o sofrimento, o sofrimento inevitável. O Outro não é deste mundo. É impossível defendê-lo com golpes de espada.

"*Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto, vestiram-no novamente e o levaram para ser crucificado. Quando eles saíram, forçaram um homem de Cirene – chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufus – a carregar sua cruz.*"

Resta apenas um aspecto da antiga consciência: Simão de Cirene, um trabalhador. Ele carrega a cruz. É o mínimo biológico. Agora, a compreensão está aí: é a fase mais profunda do aprendizado: carregar o madeiro da cruz. A cabeça se inclina na endura. As mãos carregam a cruz de Cristo e no coração ressoa a antiga canção rosa-cruz: "*In Jesu Morimur*", morremos em Jesus. É a chegada triunfal ao centro do labirinto, e a saída triunfal do dédalo da confusão.

## “PERCEBER A PRESENÇA DE DEUS EM TUDO O QUE VEMOS, CHEIRAMOS, OUVIMOS, TOCAMOS...”

*O verdadeiro cristão, pelo contrário, percebe a presença de Deus em tudo o que vê, cheira, ouve, toca, experimenta; e ele tem sempre a certeza interior de que isto não é uma ilusão passageira, mas a verdade completa” (O Labirinto do mundo, de Jan Amos Comenius”).*

É com razão que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea se interessa pelo autor de *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do coração*. Quando lemos sua obra, chegamos à conclusão que, assim como um grande número de seus eminentes contemporâneos, Comenius foi profundamente influenciado pela obra dos rosa-cruzes do século XVII, os quais, com sua doutrina das duas ordens de natureza, indicaram claramente a direção a muitos buscadores da verdade. Um outro ponto de grande interesse é que Comenius se ocupou bastante de pedagogia, assim como de relevar a seus semelhantes o *Único Necessário*, que é o tema que ele desenvolve em *Unum Necessarium*.

Suas idéias, que datam de mais de três séculos, ainda seriam atuais? Um tema mais do que centenário pode ainda falar ao leitor moderno? Em *O Labirinto do mundo e o Paraíso do coração*, Comenius lança uma ponte entre dois extremos: o mundo da matéria e o mundo da alma. Sem que o leitor possa observar, estes dois textos se fundem e ele é como que conduzido pela mão, de um mundo ao outro.

De um lado, trata-se da tradição secular; de outro, de um assunto profundamente atual. A primeira parte consiste em uma clara alegoria que parece muito com as narrativas clássicas da

Idade Média, como *Elckerlyc* e *O Romance de Renard*. Na história de *Elckerlyc*, o personagem que representa o eu vagueia pelo mundo e tem de renunciar a tudo o que ele mais preza. A narrativa aparentemente simplista de *O Romance de Renard* oferece um certo número de interpretações do que é justo, ao mesmo tempo em que denuncia ironicamente a sociedade doente, o que remete o leitor a uma realidade superior. Estes temas figuram também em *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do coração*.

Segundo pesquisas recentes, parece que Comenius conhecia muito bem a obra de Johann Valentin Andreae. É evidente que os temas desenvolvidos por este último o tocaram bastante (como o retrato dos caminhos sem rumo que o homem percorre nas dificuldades da vida em *Peregrini in patria errores*, assim como a descrição da volta de um peregrino que se havia perdido em *Civis christianus*).

A qualidade da literatura clássica reside no equilíbrio entre o fundo e a forma. Este equilíbrio está presente em seu livro. A primeira história é escrita em

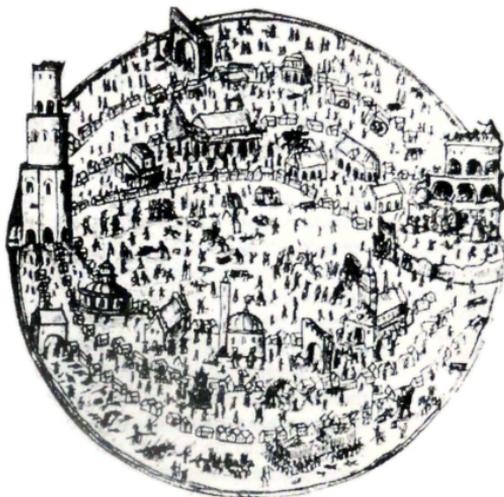
*Comenius empregou o termo “labirinto” talvez no sentido figurado e não comparou o ato de andar sem rumo pelo mundo com o caminhar dentro de um dédalo. Hoje, que se faz uma pesquisa aprofundada sobre estas duas metáforas, preferimos fazer uma distinção clara entre “dédalo” (lugar onde as pessoas se perdem) e labirinto (caminho interior rumo à fonte de toda a Vida).*

estilo indireto e muito rebuscado, mas a segunda parte da obra, *O Paraíso do coração* é direta e cristalina e fala diretamente ao leitor. Poderíamos dizer que um movimento do exterior para o interior conduz o leitor ao centro do labirinto, ao local do Paraíso do coração, onde o peregrino recebe a verdadeira sabedoria.

Em *O Labirinto do mundo*, o peregrino, que é o personagem que representa o eu, é acompanhado por dois guias, que se chamam *Passa-por-toda-a-parte* e *Completamente-cego*. Ele julga a sociedade, divide-a em classes, passa em revista as profissões e submete as instituições, como o casamento, a um exame crítico. Seus guias estão desesperados, pois o peregrino se mostra muito decisivo em suas análises. Comenius descreve as classes sociais, e o mundo das forças opostas das quais elas provêm. Por meio do peregrino, ele mostra como os humanos se escondem por trás da máscara de sua personalidade. Na narrativa, ele diz que, quando saem, os homens usam máscaras; e que, quando voltam para suas casas, as trocam por outras.

#### TEATRO DA VIDA COTIDIANA

Mas quem, aqui ou ali, não tem a tendência de fazer este teatro? Não é verdade que quase todo o mundo desempenha sua pequena comédia para conquistar um lugar na sociedade? Não há nada de novo sob o sol! Assim, cada um é prisioneiro do papel típico que desempenha: o homem erudito, o enquadrado, o político, o educador, o homem ou a mulher de negócios no auge do sucesso... Neste jogo, eles se mostram uns aos outros totalmente diferentes do que



são na realidade. Quem se torna consciente deste fenômeno compreende que, se realmente quer descobrir a si mesmo e a Verdade eterna, deve parar de fazer teatro. Comenius descreve o caminho concreto que leva ao autocohecimento de tal modo que não perdeu nada de sua clareza depois de tantos séculos.

No decorrer de seu trajeto como o guia *Passa-por-toda-a-parte*, o peregrino parece saber muito pouco sobre a vida. Ele vagueia pela existência (que é comparada a uma cidade, com inúmeras ruas, impasses e portais) como se estivesse dentro de um dédalo. Quando é confrontado com o novo aspecto deste mundo, ele diz, rapidamente: "Eu posso muito bem me virar!" Mas, olhando mais perto, sua visão espontânea se transforma e seus guias declaram, rindo, que ele é um pedante.

A partir destas considerações, todos são analisados e criticados: artesãos, eruditos, filósofos, alquimistas e também falsos rosa-cruzes. No encontro do peregrino com estes falsos rosa-cruzes, o autor censura, violentamente, em termos corretos, estes impostores. O peregrino já não sabe o que pensar. De um lado, ele fica contente pela vinda da Fraternidade, que sustenta a reforma geral da Europa; de outro, ele lamenta

Sinete de Jan Amos Comenius para a edição de 1631 do "Labirinto do Mundo" (Stadsbibliotek, Breslau, Polônia).

não ver nenhum fato tangível do qual ele possa participar.

Podemos observar aqui que, logo que a Guerra dos Trinta Anos devastou completamente a Europa, a Fraternidade não pôde desenvolver-se, pois um grande número de seus promotores havia sido vítima da guerra. Se ela tivesse podido transmitir totalmente sua mensagem, o mundo de hoje seria completamente diferente. Em sua última carta a Comenius, Johann Valentin Andreae o incita a "retomar o archote", tendo ele mesmo se tornado muito fraco para carregá-lo mais adiante. O peregrino retoma a questão da função pública e do poder judiciário. Segundo ele, estas instituições não passam de fachadas. "Visto que agora alguns tinham conquistado seu lugar pelo dinheiro, outros pela adulação, enquanto que outros não recuavam nem mesmo diante da violência para obter um posto pela força. Vendo isto, clamei: "Olhem só esta justiça!" Os nomes dados aos juizes nesta narrativa traduzem uma brincadeira polida, mas desmascaradora. É preciso dizer sem hesitação que eles continuam atuais: *Sem-Deus, Compra-briga, Ouvi-dizer, Ego-cêntrico, Sedento-por-ouro, Quero-presente etc.* A descrição de uma audiência é completamente realista, e brincadeiras mordazes são o salário da magistratura. O peregrino conclui, então, no fim de seu percurso, que o mundo não passa de um vasto caos. Nem mesmo os ricos são livres para agir como querem, e o peregrino também se desvia desta forma de felicidade.

A junção entre os dois escritos surge no capítulo 37. O peregrino aprendeu o caminho de volta e descobre o Paraíso do coração. A narrativa vai sendo feita em estilo direto: o autor fala ao leitor sem nenhum véu, de coração a coração. Em frases concisas, ele vai descrevendo o processo de regeneração e aconselha àquele que busca, que substitua a velha personalidade por uma nova, para fazer sua auto-entrega como oferenda.

"Para o verdadeiro cristão, entretan-

to, brilham duas luzes, bem dentro dele: a luz da compreensão e a luz da fé, ambas guiadas pelo Espírito".

Quem penetra neste local deve renunciar a seu próprio entendimento e condená-lo; mesmo assim, o Espírito Santo lhe devolve um entendimento purificado e afinado, de tal modo que ele começa a ver como se tivesse cem olhos. Em seguida, ele continua: "O verdadeiro cristão, pelo contrário, percebe a presença de Deus em tudo o que vê, cheira, ouve, toca, experimenta; e ele tem sempre a certeza interior de que isto não é uma ilusão passageira, mas a verdade completa".

Finalmente, o peregrino que encontrou sua morada interior e já colocou tudo em ordem, está pronto para acolher a morte e dizer adeus à antiga vida para que sua alma possa elevar-se em um outro campo de vida, o campo de vida do Espírito. Sem mais circunlóquios que se tornaram inúteis, os claros ensinamentos da sabedoria passam a ser transmitidos diretamente. Esta linguagem é atemporal. Estas palavras, escritas há mais de três séculos não perderam sua força, o que testemunha que Jan Amos Comenius era um iniciado, e que ele viveu interiormente o caminho que indicou.

\* J. A. Comenius, *Het Labyrinth der Wereld en Het Paradijs des harten*, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1992.

Cf. também *Pentagrama* nº 5 de 1992, consagrada a Comenius.

## O EU GIRA EM FALSO

*Como seres "eu", caminhamos sem rumo, girando em falso nesta terra, antes de descobrir que este mundo é um dédalo e, ainda mais: que nós também o somos. Depois disto, logo que os desvios foram reconhecidos, rapidamente, o encaminhamento para a saída pode começar.*

Uma das primeiras descobertas a serem feitas é que a libertação está bem mais próxima do que imaginamos. Todos carregam em si o problema e a solução. Devemos desmascarar o eu que tira tudo de nós, o que faz a roda girar sem parar. Pois o eu nunca está errado: sempre são os outros, ou o mundo! E, se um dia ele percebe que errou, ele tenta ignorá-lo ou escondê-lo. Admitir o erro o faz sofrer, o que é preciso evitar tanto quanto possível. Depois de todas estas manobras, o eu mantém um equilíbrio razoável. Ele não fica satisfeito rapidamente, mas vai querendo cada vez mais. Ele sai à procura de uma felicidade inalterável, mas completamente desiludido, ele acaba descobrindo que não existe nada deste tipo. A luz que o eu atrai não passa de um raiozinho muito fraco.

A saída está em cada um, mas ninguém sabe disto. A lenda hassidita, que passaremos a contar, mostra o modo totalmente revolucionário de encontrar esta saída.

Rabbi Eisik, filho de Jekel, de Cracóvia, depois de anos de muita miséria, o que não abalou sua confiança em Deus, recebeu em sonho uma ordem de procurar um tesouro. Com esta finalidade, ele deveria ir até Praga e cavar debaixo da ponte que conduz ao castelo

real. Este sonho voltou três vezes, e então Eisik preparou-se e pôs-se a caminho. Entretanto, perto da ponte de Praga, havia guardas noite e dia, e Eisik não se arriscou a cavar o chão. Entretanto, ele vinha todas as manhãs olhar a ponte e ficava andando por ali, até a noite. Observando esta conduta estranha, o chefe dos guardas perguntou-lhe um dia, amigavelmente, se ele estava esperando alguém. Eisik lhe contou o sonho que o havia feito vir de Cracóvia até Praga. Então, o chefe dos guardas explodiu em uma gargalhada e disse: "E aí está você, pobre diabo, com os pés enrolados em trapos, atraído por um sonho? Quem sabe eu deveria sair por aí porque um sonho me disse para ir até Cracóvia e entrar na casa do judeu Eisik, filho de Jekel, para desenterrar um tesouro debaixo de sua chaminé! Eisik, filho de Jekel? Eu me vejo em Cracóvia, onde a metade dos judeus de chamam Eisik e outra metade Jekel! Seria preciso cavar todas as casas!" E ele tornou a gargalhar. Rabbi Eisik despediu-se dele inclinando-se, voltou para casa, desenterrou o tesouro e construiu um templo.

Aquele que, depois de uma longa busca interior, encontra o tesouro – o átomo-centelha-do-espírito – pode começar a preparar seu templo, o santuário do coração, como morada para a Nova Alma. As palavras que vêm deste novo princípio central são difíceis de serem compreendidas logo de início, porque o eu que está na cabeça cobre a voz do coração, que ainda é frágil. "Penso, logo existo!" É o mental que determina a consciência, que atrai os pensamentos correspondentes. É assim que o mental faz os desejos surgirem. As imagens criadas pelo mental operam por

intermédio do corpo astral e do corpo etérico no corpo material. Cada pessoa se comporta de acordo com sua consciência. Assim se estabelece um circuito fechado, pois é impossível de ser rompido enquanto uma outra consciência não fizer ouvir sua voz. Então, cada pessoa constrói para si mesma um dédalo onde está condenada a andar sem rumo, girando em falso.

A Luz está sempre voltada para este princípio central em cada ser humano. Mas o eu faz de tudo para chamar a atenção. Não é fácil para ele. "Tenho um grande problema que é preciso resolver rapidamente. Não consigo me livrar dele!" Somente com muitos esforços o eu consegue tudo o que quer.

No livro *A Gnosis em sua atual manifestação*, Jan van Rijckenborgh diz: "Deixai vossas dificuldades dialéticas como elas são. Não procureis desenredá-las, pois, para cada nó que desfazeis, formais dois outros, ainda mais fortes. Da confusão, do labirinto da natureza comum, jamais alguém chegou a uma solução no plano horizontal. Ao atravessar o labirinto da vida, sempre encontras novos caminhos, novas portas; e atrás de cada porta, outro labirinto. Não há saída! Deixai vossas dificuldades como elas são, deixai-as como elas são e perdei-vos a vós mesmos! Despedi-vos de vós mesmos e, dessa forma, também de vossas dificuldades".

Assim, é aberto um espaço em nós para que a força salvadora possa aí operar. A descoberta de um novo princípio central no coração cria uma nova consciência, que percebe que a libertação não está na resolução dos problemas do passado ou do futuro, mas que ela se encontra no meio do passado e

do futuro, ou seja, no presente – o presente da nova consciência.

Esta nova consciência não quer ser, em si, um princípio central. Ela está aí para ofertar, irradiar, canalizar o Amor divino. Ela não vive por si, mas ela está consciente da presença daquele que nasceu na Nova Alma.

O autoconhecimento, como porta de saída do dédalo interior do eu, não é uma auto-análise, mas um adeus ao eu. É o esclarecimento, a própria iluminação, da qual fala Lao-Tsé. "Quem conhece a si mesmo é iluminado." Que ele reconheça a si mesmo como servidor do microcosmo, o microcosmo cujo princípio central é ativado por um impulso superior: assim este impulso superior lhe dará as asas necessárias para voar para fora do dédalo do eu.

\* *A Gnosis em sua atual manifestação*, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, 1ª edição, p. 236, 1984.

## O LABIRINTO DOS DOIS SEXOS

*Quando perguntamos por que os homens e as mulheres se sentem atraídos uns em relação aos outros, geralmente nos respondem: "Porque eles são polarizados inversamente". O masculino busca o feminino e vice-versa.*

Quando a evolução do homem original se interrompeu, o homem terrestre formou-se depois de um certo tempo, e manifestou-se uma polarização masculina ou feminina. De tempos em tempos, no decorrer desta fase "intermediária", a alma aprisionada na natureza mortal recebe um corpo para que possa expressar-se. Sem a colaboração do homem e da mulher, a humanidade desapareceria rapidamente.

Os seres humanos duplamente polarizados estão sempre procurando um ao outro, na esperança de encontrar "o elo perdido", o pólo contrário desaparecido. Todos têm a reminiscência do "Homem perfeito" em quem existiam os dois aspectos, feminino e masculino, como as duas faces de uma só unidade. Tendo rompido sua união com a Fonte de toda a vida, o homem sofreu a "queda", o que causou a separação dos sexos.

Impulsionados por sua busca, muitos situam a unidade perfeita fora de si mesmos. Por exemplo, eles esperam que seu par lhes traga a felicidade perfeita, ou pelo menos a harmonia em seu relacionamento. Quando isto não acontece, eles dão meia-volta e, desiludidos, saem em busca de outro companheiro, e assim vão andando sem rumo dentro do dédalo de seus desejos, sem encontrar a saída.

### A EXPERIÊNCIA DA VIDA ABRE A PORTA DO LABIRINTO

Depois de se ter perdido neste dédalo, a pessoa encontra a porta do labirinto. É o único acesso ao Mistério. Ora, para quem tira o véu do Mistério, é possível encontrar a saída. Mas, antes disso, pode-se passar um longo período durante o qual acontecerão muitas coisas. É preciso passar por novas experiências, aprender novas lições – por exemplo a experiência de que o novo par, por mais extraordinário que possa parecer, também jamais trará a felicidade perfeita. A pessoa que vive só geralmente faz com que sua felicidade dependa do meio em que vive, da natureza ou das condições de sua vida cotidiana. Ela espera levar uma existência agradável – talvez inconscientemente – e acha que o ambiente em que vive será responsável por isto.

No entanto, a solução não está fora de nós. Ela está dentro de nós, como uma semente escondida dentro de nosso coração. Quando esta semente – chamada de átomo-centelha-do-espírito – é despertada, a Nova Alma imortal começa a se desenvolver. Um novo sistema magnético entra, então, em atividade, como se fosse um novo céu que atrai forças completamente diferentes, a fim de purificar o sistema microcósmico. É assim que se forma, debaixo deste novo céu, uma nova terra, um novo corpo. Este novo campo magnético, este "novo céu", representa uma nova forma de manifestação, cuja polarização não é nem masculina e nem feminina. Então, estes dois aspectos se interpenetram para formar uma unidade imortal. Quem

A serpente solar enroscada representa o andrógino divino em quem os aspectos espirituais feminino e masculino se fundiram na medida certa (*Rosarium philosophorum*, século XVI).



atinge esta unidade (e portanto a possui) é dotado de uma força dupla, de onde surge uma terceira. Da colaboração da nova vontade e da verdadeira sabedoria nasce uma atividade totalmente nova.

#### DESCOBERTA DA SAÍDA

Então, descobrimos a porta da saída da vida duplamente polarizada. Nosso desejo secular de unidade pode-se rea-

lizar agora. Começa o processo de unificação, pois é aí que se encontra a união perfeita com o "Outro" em nós. Cada um vai tirando os véus do Mistério a partir do último vestígio da vida original que está dentro de si – o átomo-centelha-do-espírito oculto dentro de seu coração.

# O LABIRINTO E A DANÇA DOS MISTÉRIOS

*No mito de Teseu, é dito que, depois de ter conquistado sua vitória e de ter saído são e salvo do labirinto, Teseu dançou com os sete jovens e com as sete jovens que ele havia salvo da morte, quando matou o Minotauro. Esta dança representaria a caminhada sinuosa para o centro do labirinto.*

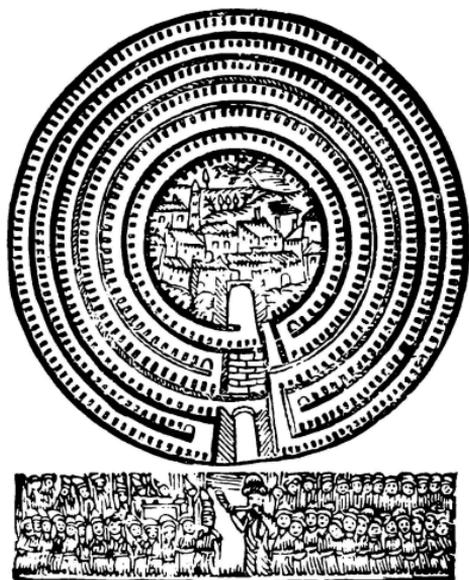
É pouco provável que esta dança ilustrasse o caminho de volta. A dança tomou a forma do primeiro encaminhamento. Assim, os mitos foram sendo transmitidos sob a forma de dança, que pode ser comparada a um ritual. É por isso que alguns buscadores se perguntaram se o famoso labirinto de Minos, em Creta, realmente existiu. Ele sempre foi apresentado como sendo um labirinto: Plínio, o autor latino (23/24-79 d.C.) o menciona como labirinto em sua lista de labirintos antigos – mas a estrutura desta construção tem pouca relação com a estrutura de um labirinto. Além disso, ele está cheio de corredores sombrios e perigosos. No que diz respeito aos movimentos da dança e ao conteúdo do mito, o interesse destes corredores não fica evidente.

A dança deveria representar principalmente os processos macrocósmicos. É assim que o lugar em que tudo é representado desempenhava um papel importante. Havia, portanto, uma grande diversidade de danças: danças sagradas, danças rituais, mas também danças de encantamento, votivas, mágicas. Em sua forma original, a dança era uma representação pura, uma concretização da realidade divina da qual o homem de um passado longínquo estava ainda impregnado.

## A DANÇA COMO EXPRESSÃO DA UNIÃO

Assim, a dança possuía um aspecto místico e mágico. Místico, quando o dançarino identificava-se com a realidade divina que o cercava; e mágico, se ele quisesse expressar e tornar mentalmente ativa uma certa energia na matéria, e portanto no corpo. Na maioria das danças dos Mistérios, estes dois elementos encontram-se misturados. É assim que os movimentos da dança do labirinto imitam os movimentos da serpente e das gruas. A dança das gruas, "geranos", que Teseu dançou depois de sair do labirinto, era executada por um coro em que homens e mulheres, rapazes e moças, davam-se as mãos e ondulavam em movimentos idênticos aos do caminho percorrido dentro de um labirinto. O nome desta dança – dança das gruas – vem desta imitação e deste simbolismo. Os passos graciosos dos dançarinos imitavam os movimentos surpreendentes destes pássaros. Mas esta dança também expressava um momento especial, pois a migração das gruas – que anunciava a chegada da primavera – fazia com que esta dança se tornasse o símbolo da renovação. Depois, na época do cristianismo, a grua representava o Cristo ressuscitado. Na China, dizia-se que, quando morriam, os sacerdotes taoístas transformavam-se em gruas.

Os grandes movimentos dos dançarinos de "geranos", sobre os quais algumas fontes afirmam que foi a primeira dança executada para homens e mulheres dançarem em conjunto, fazem pensar no enrolar da serpente. Este esquema de um movimento espiral surge também naquilo que chamamos de danças da serpente, ou danças lentas. Em inú-



meros casos, estas danças estavam originariamente associadas a cerimônias de iniciação. Assim, por exemplo, a iniciação aos mistérios de Eleusis acontecia no percurso de uma caminhada solene dentro de um sombrio dédalo sem saída.

Esta dança não somente evocava as ondulações da serpente, mas também o processo de renovação que representa a mudança de pele deste animal.

O movimento espiral indica o desenvolvimento e o crescimento, no sentido contrário ao circuito fechado onde tudo retorna ao ponto de partida. No início de seu processo de desenvolvimento, o feto ainda tem a forma de uma serpente, e a consciência é simbolizada por uma serpente designada como fogo serpentino. Também há o caduceu de Mercúrio, em torno do qual se enrolam duas serpentes cujas cabeças estão voltadas para os dois lados da pineal: é uma imagem grandiosa e milenar, sempre atual, do homem Alma-Espírito renascido.

A antiga dança da serpente era, ou-

trora, executada também no labirinto das catedrais medievais. Na Páscoa, as pessoas dançavam o que se chamava a "pelota" (bola formada por cordões enrolados sobre si mesmos) como símbolo da festa de ressurreição. Este nome era dado à bola – pelota – da qual se serviam nesta ocasião. Teseu lançou uma bola na goela do Minotauro, e assim tirou sua força.

Na Idade Média, o cristianismo substituiu Teseu por Cristo. Realmente foi Cristo que, como Teseu, empreendeu o caminho no sombrio labirinto terrestre e triunfou de seu adversário, Satã. Em algumas catedrais francesas, como as de Chartres, de Amiens e de Auxerre, as pessoas ainda executam esta dança relembrando este fato.

Mas podemos considerar outros aspectos. Todo o processo de desenvolvimento da humanidade no plano de Deus é representado como um caminho que, depois da queda e da expulsão do Paraíso, conduz à ressurreição do Homem Alma-Espírito na Nova Jerusalém. Quem pode celebrar assim a ressurreição no campo de vida do homem-alma é, desde o início, co-habitante deste novo campo de vida.

Na época romana, a dança "troiana" era uma evolução sinuosa executada pelos pares por ocasião de funerais ou da fundação de uma cidade. Ou seja: na construção de "um novo campo de existência" (renascimento). A imagem de uma cidade surge também no labirinto egípcio. Os jovens libertos do labirinto por Teseu tornaram-se "cidadãos da nova cidade de Atenas". E o próprio Teseu foi seu fundador e rei.

Em uma outra ordem, há o labirinto em cujo centro está representada a ci-

Gravura hebraica em madeira, mostrando um labirinto com a cidade de Jericó no centro (1743).

dade de Jericó. A dança que acontecia a sua volta visava fazer com que os muros desmoronassem, a fim de entrar em uma nova fase do processo de libertação.

A designação "cidade" ou "cidadela" está relacionada com o mistério do quadrado. Jan van Rijckenborgh fala deste quadrado de construção mágica em seus comentários sobre Christianópolis, que é um outro nome para o novo campo de vida:

"Gostaríamos de definir o quadrado – que simboliza o ângulo de 90 graus – como o aspecto da humanidade no qual a missão completa do homem irradia em radiante harmonia com o plano divi-

no... O quadrado representa a totalidade da manifestação da luz que nasceu dos corações, mãos e cabeças dos homens, em bondade, verdade e justiça. O quadrado é o símbolo da mais alta realização humana na graça divina".

Em torno deste quadrado mágico de Christianópolis é traçado um círculo: é a cidade dos Mistérios que se encontra fora do espaço e do tempo, mas cuja sombra se perfila no interior de uma escola espiritual no mundo de três dimensões.

*Ariadne, a filha do rei Minos, dá a Teseu um fio que ele deve seguir depois de combater, para encontrar a saída do labirinto. Como Ariadne é o símbolo da alma – pois ela é freqüentemente descrita como tal – este fio não somente serve para encontrar a saída, mas também para estabelecer a ligação que vai dar a Teseu a força para lutar contra seu subconsciente, seu karma. Graças a esta ajuda indispensável ele consegue vencer o Minotauro. De acordo com a lenda, ele liberta Ariadne do poder do rei Minos, mas ele a abandona em uma ilha quando sabe que ela está destinada a desposar um deus. O fato é que a personalidade terrestre, por mais nobre, pura e sublimada que seja, não está apta para desposar a alma. Esta união é reservada ao Espírito divino.*

*Christianopolis*, cap. VI, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, 1ª edição, 1985.

ΣΥΜΙΧΟΤΗΛΑΥΡΟ. ΠΥΓΜΑΤ. ΤΗΣ Ε. ΛΑΒΥΡΙΝΘΟ.



# O LABIRINTO DE CNOSSOS

*Um dos labirintos mais conhecidos da Europa encontra-se em Creta perto do palácio do rei Minos. Esta construção gigantesca foi concebida pelo genial construtor Dédalo e ocupa um lugar importante no mito de Teseu, o amado pelos deuses, que soube penetrar até o covil do Minotauro e triunfar sobre ele.*

Na Antiguidade, o labirinto era considerado como símbolo do mundo inferior. Podemos comparar este mundo inferior, onde criaturas monstruosas se debatem, ao subconsciente do homem. Quem penetrava em seu subconsciente sem ter pedido ajuda à força capaz de neutralizar estes monstros, morria nos corredores do labirinto sem encontrar a saída. Finalmente, era vencido pelos monstros criados por ele mesmo. O mesmo acontece em nossa época; quando alguém pratica a volta ao passado com o auxílio de exercícios ocultos ou outros métodos de ampliação da consciência, embaraça-se da mesma forma na teia de aranha do karma e aí fica aprisionado.

Entretanto, o iniciado poderia entrar sem perigo no labirinto, pois ele já havia vencido a morte. Realmente, a alma imortal pode descer sem medo ao passado cármico do microcosmo, se não violentar o princípio que dirige sua existência.

Podemos considerar Teseu como o protótipo do buscador. O que o distingue das inúmeras pessoas assassinadas pelo Minotauro? De que força especial ele dispõe? Por que ele pode vencer o Minotauro? Primeiro, ele possui a compreensão e a vontade inabalável necessárias a quem quer percorrer o caminho de

combater o Minotauro, que é o passado cármico. Entretanto, isto não é suficiente, pois aqueles que o antecederam também tinham uma vontade poderosa e estavam direcionados para o mesmo objetivo... e no entanto encontraram a morte.

Além de tudo, Teseu recebeu o amor de Ariadne, a filha do rei Minos. Ariadne é a Nova Alma, o novo estado de ser da alma. Por sua ligação com Ariadne, o buscador recebe a sabedoria e a força para cumprir sua tarefa.

## TRIUNFO SOBRE O SER AURAL

Portanto, Teseu é o homem que está à procura da nova vida. Ele sabe que deve enfrentar forças imensas, mas, cheio de coragem, ele não recua. O labirinto é para ele o dédalo de seu ser aural onde reside seu karma infinitamente complexo. Todo o buscador tem de perceber que está perdido nas teias do passado e que ele só pode sair delas se aniquilar a causa: o Minotauro.

O Minotauro é o guardião do umbral. Seu poder está concentrado no plexo sacro – que é o centro do labirinto – de onde ele governa totalmente o ser humano. Quem deseja ultrapassar o guardião do umbral deve primeiro realizar a Nova Alma e fechá-la dentro de seu coração. Somente então ele terá a força e a sabedoria capazes de dominar os poderes do Minotauro.

Se ele descesse ao mais profundo de seu ser com a ajuda exclusiva de seus próprios poderes formados pelo karma, ele apenas encontraria a si mesmo. Mas o eu não pode combater o próprio eu. O vencedor tem de possuir uma arma nova e poderosa, contra a qual todas as outras acabem quebrando-se.

Para tornar-se um homem, o herói Teseu atinge o centro do labirinto e mata o que é animal em seu ser: o Minotauro (miniatura de um manuscrito do século XII, Bayerische Staatsbibliothek, Munique, Alemanha).

Pergaminho irlandês do século XV, mostrando uma forma composta de labirinto e uma fortaleza (Det amamagnanske Institut, Copenhague, Dinamarca).

### NASCIMENTO DO NOVO HOMEM

Assim, quem quiser seguir o caminho que conduz ao princípio fundamental de seu ser deve segurar firmemente o fio de Ariadne, que garante o cumprimento correto de sua missão. Antes de ter verdadeiramente acesso aos Mistérios mais profundos, é preciso que ele vença completamente seus medos e suas preocupações, que provêm de seu passado cármico. Depois de um longo trajeto na escuridão, ele chega diante do monstro. Este monstro representa, por

um lado, seu antigo eu, o guia de sua personalidade inferior e por outro lado, o eu ainda mais poderoso do ser aural, que é o guardião do umbral. Os dois devem morrer a fim de dar à Nova Alma o espaço necessário para que ela cumpra o processo de transfiguração.

O fio de Ariadne simboliza o laço que existe entre a personalidade que busca e a Nova Alma. Esta ligação restabelece a reminiscência da vida original. Mesmo quando o buscador se encontra na mais profunda escuridão de seu labirinto microcômico, esta lembrança vai ficando cada vez mais forte à medida que ele vai-se aproximando do centro. E finalmente, é o fio de Ariadne que o leva da escuridão e deste caminho sem rumo até a Luz.

### O SÍMBOLO DO NOVO HOMEM

Se tomarmos como referência a Doutrina Universal, podemos considerar o labirinto como a senda iniciática sobre a qual o velho homem e seu karma são desagregados depois de serem conduzidos pela Nova Alma. Os místicos cristãos falam a respeito disso como "a noite escura" da alma.



## O ÚLTIMO

*Em que momento de sua vida este pensamento havia chegado até ele, ele não sabia. Talvez ele sempre tivesse estado lá, afogado na efervescência cotidiana, sepultado há séculos. Mas como ele o saberia agora?*

Às vezes, ele se observava a distância: era um homem que chegara ao outono de sua vida, mal tendo-se despojado das firulas tão cuidadosamente dispostas e tão queridas de um disfarce, do qual zombava levemente, olhando-o cair em frangalhos, mas que havia sido uma camuflagem bem necessária para sobreviver. Viver ou sobreviver?

Quanto a isto, veio-lhe uma lembrança. Era criança, perdida entre o mundo exterior e seu mundo interior, este interior familiar, onde todas as pessoas se pareciam e onde cada situação surgia e desaparecia em um grande espaço luminoso.

Esta lembrança lhe revelou que esta criança brincava no mundo exterior, mas vivia em seu mundo interior. Entretanto, ele havia-se perdido. Ele sabia que se lembrava disto muito bem, e mesmo daquele momento em que a criança quer "ser alguém". O mundo inteiro parecia conhecido para ele. Mas agora, seus olhos se abriam para a estranheza desta impressão.

Assim, a criança que ele havia sido perdeu-se, enredada no dédalo das coisas certas e erradas acumuladas ao longo de seu passado microcômico. Passo a passo, ele havia aprendido a reconhecer suas possibilidades e impossibilidades, muitas vezes aliás com um sentimento crescente de surpresa e de alegria. Mas, lentamente, muito len-

tamente, esta noção também desapareceu. Enquanto isso, no fundo de si mesmo morava uma certeza de que este acúmulo, estas orientações do passado, poderiam servir no decorrer de sua viagem através da vida, mesmo que este passado não lhe pertencesse.

Esta idéia apagou-se. Ressurgia no espanto e na alegria de ser agora alguém, no sentimento de ser alguém. Um entre outros, ou sozinho entre tantos? Muito surpreso, ele constatou que foi sua individualidade crescente que o havia distanciado dos outros! Entre ele e os outros, havia agora uma separação – sutil, mas muito sensível.

Durante sua vida ele não havia estado somente consciente de suas possibilidades e impossibilidades, mas também de particularidades de seu caráter e de suas falhas, que o haviam impedido de levar uma vida agradável totalmente consciente. Chegou a hora de depositar dentro de si a semente do último e único pensamento que iria dominar tudo: o último pensamento possível.

De que lugar longínquo, escondido em seu coração, poderia ter surgido uma idéia dessas, este desejo? Há muito, muito tempo, ele havia alimentado este desejo; ele havia falado sobre o mesmo com aqueles que partilhavam suas idéias; ele havia lido livros sobre este assunto, de autores que haviam sido trabalhados por este mesmo desejo, o que havia aprofundado e vivificado o desejo, mas sem revelar que ele seria o último!

E então, será que não haveria nenhuma possibilidade de sair do círculo vicioso que o fazia passar da vida à morte e da morte à vida?

Escute! Escute!

Um choque o sacudiu quando ele sentiu a força desta palavra que jorrava

do fundo dele mesmo. Escute, mas escute o Primeiro que fala dentro de seu coração! Você vai ser o último!

Quando ele percebeu estas palavras, este foi o sinal de uma reviravolta total, que deu um novo impulso a sua vida. Escutar o Primeiro quer dizer perceber e liquidar o velho amor-próprio profundamente enraizado em si mesmo, e que é a causa de todas as emoções que abraçam e revolucionam seu coração e que se opõem ao novo impulso, tornando-o surdo para a voz interior.

Uma alegria tranqüila o invadia sempre, cada vez mais, à medida que ele afastava os obstáculos que se colocavam entre ele e a voz interior.

Ele, o último, estava aprendendo, com todas as capacidades que eram suas, a consagrar-se ao Primeiro. Assim, ele estava aprendendo, passo a passo, a escutar com a audição interior, a ver com o olhar interior. Em todos os outros, ele via o último, que estava a caminho para tornar-se o Primeiro. E cada situação da vida era para ele a última: a oportunidade de aprender a escutar a voz do Primeiro.

## **EM BUSCA DE MINHA VERDADEIRA IDENTIDADE**

*Vagando no dédalo deste mundo a Luz me faz ver que sou prisioneiro de minhas próprias imagens e das imagens dos outros.*

*Sou a mulher,  
a mãe,  
a filha de...*

*Sou o marido,  
o pai,  
o filho de...*

*À esquerda, à direita, vagando ao léu devo tornar perfeito o que é e continuará sendo imperfeito na natureza.*

*Atiro e também me atiram, sem porta de saída, contra a parede.*

*Mas a Luz que me ilumina me mostra com clareza que ela não é deste mundo nem vem deste mundo.*

*Logo, a Luz que está em mim me fornecerá minha verdadeira identidade, bem como todas as imagens também serão apagadas do dédalo de minha vida.*

*E por mais que eu seja a mulher de...  
o pai de...  
o filho de...  
cientista, artista ou não importa o quê*

*A Luz através de mim no dédalo deste mundo, iliminará o que ainda está nas sombras.*

# PENTAGRAMA

*A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção dos leitores para a nova era que começou para o desenvolvimento da humanidade.*

*O Pentagrama sempre foi, em todos os tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual acontece a manifestação do plano divino.*

*Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, permanece no caminho de transfiguração.*

*A revista Pentagrama convida o leitor para operar esta revolução espiritual em si mesmo.*